



DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA CULTURAL

DAYANNA ALVES CAVALCANTI

DE *MAUS* ELES NÃO TÊM NADA:  
ARTE SEQUENCIAL, MEMÓRIA E HOLOCAUSTO  
NA OBRA DE ART SPIEGELMAN

GUARABIRA – PB  
2011

DAYANNA ALVES CAVALCANTI

DE *MAUS* ELES NÃO TÊM NADA:  
ARTE SEQUENCIAL, MEMÓRIA E HOLOCAUSTO  
NA OBRA DE ART SPIEGELMAN

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em História Cultural do Centro de Humanidades/Universidade Estadual da Paraíba – UEPB para obtenção do grau de especialista em História.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira Lima

GUARABIRA – PB  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

C376d

Cavalcanti, Dayanna Alves

De maus eles não têm nada: arte sequencial, memória e holocausto na obra de Art Spiegelman / Dayanna Alves Cavalcanti. – Guarabira: UEPB, 2011.

58f. Il.

Monografia Especialização (História Cultural - Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima”.

1. Memória 2. História Cultural 3. Holocausto

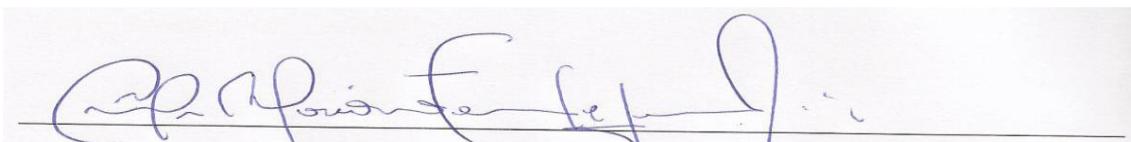
I.Título.

22.ed. CDD 907.2

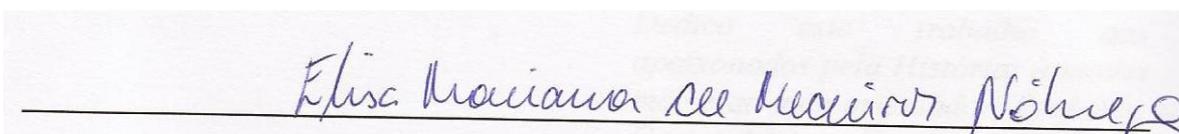
DAYANNA ALVES CAVALCANTI

DE *MAUS* ELES NÃO TÊM NADA:  
ARTE SEQUENCIAL, MEMÓRIA E HOLOCAUSTO  
NA OBRA DE ART SPIEGELMAN

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira Lima Depto de Geo-História – Campus III – UEPB  
(Orientador)



Profa. Dra. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega Depto de Geo-História – Campus III – UEPB  
(Examinador)



Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya Depto de Geo-História – Campus III – UEPB  
(Examinador)

*Dedico este trabalho aos apaixonados pela História; à minha mãe e ao meu orientador, Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira Lima.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela felicidade em estar atuando na área de História, e pela concretização da minha pós-graduação em História Cultural.

Ao meu orientador, Carlos Adriano, pelo apoio intelectual, e por ter acreditado na minha capacidade em ingressar e concluir a pós-graduação em História Cultural.

A todos os demais professores e colegas de pós-graduação, que, de certa forma, fizeram parte da minha vida, e deixarão saudades.

À minha mãe, pelos princípios e valores que regem a minha vida.

A todos, imensamente, obrigada.

## RESUMO

A história em quadrinhos ou arte sequencial, para seus estudiosos e apreciadores, é um meio de comunicação inicialmente considerado de massa, em que os acontecimentos são narrados através de desenhos e texto inter-relacionados. Nossa proposta de pesquisa é analisar a Graphic Novel *Maus – A história de um sobrevivente* de Art Spiegelman, enquanto fonte histórica. Encontramos na obra, relatos de seu pai Vladek Spiegelman, um judeu-polonês sobrevivente do holocausto, fato histórico entrelaçado com o decorrer da Segunda Guerra Mundial. Em decorrência da ampliação nos domínios da História, em especial pela História Cultural, verificamos uma maior aceitação dos chamados documentos históricos, criando novas possibilidades de pesquisas, no qual a história retratada em quadrinhos se insere perfeitamente como veículo de constituição de memória nostálgica/ressentida/heróica e trágica.

**Palavras-chave:** Memória. História em quadrinhos. Holocausto. História Cultural. Segunda Guerra Mundial.

## ABSTRACT

The comic or sequential art, for its scholars and appreciative, is a means of mass communication initially considered, in which the events are told through drawings and text interrelated. Our research proposal is to analyze the graphic novel *Maus – A Survivor's story* by Art Spiegelman, as a historical source. Found in the work, reports of his father Vladek Spiegelman, a Polish-Jewish Holocaust survivor, interwoven with historical fact during the Second World War. As a result of expansion in the fields of history, especially cultural history, we see a greater acceptance of so-called historical documents, creating new possibilities for research in which the story portrayed in comics fits perfectly as a vehicle for the formation of nostalgic memory / resentful / heroic and tragic.

**Keywords:** Memory. Comic. Holocaust. Cultural history. Second world war.

## SUMÁRIO

Introdução	p. 07
Capítulo 1 – Maus: A História de um sobrevivente	p. 10
1.1 – História e Quadrinhos	p. 10
1.2 – Representação Antropozoomórfica	p. 20
Capítulo 2 – Memória e Ressentimento	p.33
2.1 – A memória como recurso de apreensão do passado	p. 33
2.2 – Provas e testemunhas oculares da realidade nazista	p. 40
Considerações Finais	p. 48
Referências	p. 50

# INTRODUÇÃO

“Maus” é uma palavra que traduzida para o português significa “ratos”. Estes pequenos roedores foram associados aos judeus por meio das intensas propagandas de caráter político em um espaço dominado pelo nazismo. Formando a maior família de mamíferos do mundo, os ratos são, de um modo geral, animais indesejáveis para as sociedades. São animais sujos, propagadores de doenças, por esta razão são execrados do convívio humano. Era assim que a Alemanha nazista classificava os judeus: povos imundos, impróprios para a vida em sociedade.

A Europa foi palco de um dos mais catastróficos acontecimentos de toda a humanidade: a conhecida *Segunda Guerra Mundial*, evento que produziu um cenário marcado por perdas incalculáveis tanto materiais como humanas. Ódio, ressentimento, violência e traumas se faziam presentes na vida dos indivíduos, que não se propuseram a gerar uma guerra, mas que devido às circunstâncias se sentiram impulsionados a ter um papel de destaque nesta grande e terrível conflito.

Segundo Eric Hobsbawn, “em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler”<sup>1</sup> (HOBSBAWN, 2008, p.43).

Movido por um sentimento antissemita, Adolf Hitler atribui o caos econômico da Alemanha, logo após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial, aos judeus. O ódio difundido por Adolf Hitler conquistará um elevado número de adeptos que compraram o ideal de superioridade étnico, o qual condenava os judeus a serem alvos de uma perseguição feroz em sociedade, resultando no evento mais bárbaro da Segunda Guerra Mundial, o *holocausto*.

Art Spiegelman<sup>2</sup>, um dos cartunistas de maior prestígio da nossa contemporaneidade, reconstruirá a trajetória de seus familiares no decorrer da Segunda Guerra Mundial, a partir dos relatos expostos através da memória de um dos sobreviventes do holocausto, seu pai, Vladeck Spiegelman.

Vladeck Spiegelman, um judeu polonês, sobrevivente do holocausto, irá protagonizar a obra *Maus – A história de um sobrevivente*, publicado no ano de 1986. Esta obra despertou uma imensa atenção da crítica, incluindo uma exibição no Museu

---

<sup>1</sup> HOBSBAWN, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>2</sup> Ilustrador, cartunista e autor de histórias em quadrinhos norte-americanos. Renomado em seu meio de trabalho por também possuir em seu currículo o único autor de quadrinhos a ganhar um prêmio Pulitzer.

de Arte Moderna em Nova York<sup>3</sup>, e conquistou também um prêmio Pulitzer<sup>4</sup> especial em 1992.

Esta pesquisa propõe-se a realizar uma análise da obra *Maus – A história de um sobrevivente*, ressaltando sua importância para o campo do saber histórico, de modo a desmitificar o processo de inferiorização reservado ao saber transmitido pelas obras quadrinizadas aos seus leitores, uma vez que as histórias em quadrinhos vêm sendo ressignificadas.

Atualmente é notório que uma nova leitura vem sendo realizada no mundo dos quadrinhos, não cabendo, pois, o enquadramento das HQs (como popularmente as histórias em quadrinhos são conhecidas) no rol das produções taxadas de cultura de massa ou mesmo de baixa cultura, uma vez que elas já estão bem definidas como arte. Tal instrumento foi um importante suporte para autores diversos, dentre eles: Marjani Satrapi (*Persépolis*), Joe Sacco (*Uma história de Sarajevo*) e Ari Folman (*Valsa com Bashir*), que se utilizaram deste meio para ilustrar suas memórias.

Enquanto produto cultural, este material transmite conhecimentos e saberes, que podem influenciar diretamente no modo de ser e de pensar das pessoas. As mais diversificadas áreas do conhecimento gradativamente renderam-se para as amplas possibilidades no campo do saber transmitido pelas obras quadrinizadas, seja pela ótica da nova arte, pelo sucesso em vendas de exemplares, ou ainda por influência comportamental que estes quadrinhos exerceram na vida de seus leitores. O fato é que o mundo acadêmico migrou de um ideal meramente regido a enquadrar as histórias em quadrinhos em uma posição de arte menor, para uma perspectiva que considera sua influência na cultura, e assim os seus efeitos sociais enquanto fenômenos culturais.

Em suma, esta pesquisa propõe uma reflexão acerca dos quadrinhos enquanto fonte de pesquisa para o historiador, a partir da reavaliação, no sentido de se valorizar ainda mais esse estudo. A experiência de Vladeck em *Maus*, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, será associada a opiniões de outros autores em torno do holocausto, conteúdo histórico central que prevalece na obra de Art Spiegelman, além de analisar a construção simbólica dos personagens a partir de sua composição zoomórfica, e por

---

<sup>3</sup> Mais conhecido como MoMA, o Museu de Arte Moderna, fundado em 7 de novembro de 1929, consiste em uma instituição essencialmente voltada para uma finalidade educacional. Considerado um dos mais famosos e importantes museus de arte moderna do mundo.

<sup>4</sup> Este prêmio é concedido para aquelas pessoas que se destacam por trabalhos de excelência no campo da literatura, do jornalismo e da música.

fim, apresentar a discussão de como a memória é construída e ressignificada na produção cultural.

Esta pesquisa contempla dois capítulos entrelaçados com a obra de Art Spiegelman *Maus – A história de um sobrevivente*, Sendo assim, analisaremos no primeiro capítulo a interação dos quadrinhos com a História e as representações antropozoomórficas, as quais são indispensáveis acerca de uma melhor compreensão do próprio processo estrutural da nossa fonte de pesquisa primária – a obra de Art Spiegelman *Maus – a história de um sobrevivente*.

No primeiro momento voltaremos nossa atenção para esta relação entre História e quadrinhos que se faz presente em *Maus – A história de um sobrevivente*. Este casamento entre História e quadrinhos nos proporciona um enriquecimento extraordinário, que se configura em uma alternativa de pesquisa viável, direcionada ao saber de caráter histórico. Os quadrinhos, em um curto espaço de tempo, conquistaram seu espaço no meio acadêmico, obstruindo conceitos que os rebaixavam a categoria de produtos irrelevantes à obtenção de um saber de nível cultural. Passaremos então a entender as mudanças de concepções dos intelectuais acerca do mundo dos quadrinhos, as transformações no campo do saber/fazer história, e também do universo das obras quadrinizadas.

Já no segundo momento do primeiro capítulo, onde a abordagem volta-se às representações antropozoomórficas, analisaremos as posturas comportamentais dos principais povos envolvidos na Segunda Guerra Mundial, representados na obra de Art Spiegelman por algum tipo de animal específico, mediante a conduta comportamental adotada ou mesmo imposta a esses povos, no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

Desse modo, o segundo capítulo desta pesquisa contempla a análise da memória e ressentimento interligados à exposição das lembranças de Vladeck Spiegelman acerca do holocausto, que por sua vez nos possibilita voltar a atenção para as provas e testemunhas oculares da realidade nazista. Por fim, prosseguiremos com as considerações finais.

# CAPÍTULO 1

## MAUS – A HISTÓRIA DE UM SOBREVIVENTE

### 1.1 – HISTÓRIA E QUADRINHOS

A sequência narrativa, quadrinizada, que nos remete a uma história, a uma informação, ação etc., como podemos definir as histórias em quadrinhos, tem instigado atualmente intelectuais voltados para os mais variados campos do conhecimento. Esta atenção voltada para os quadrinhos, que induz a uma nova percepção, com base na relevância de saberes adquiridos pelos consumidores desde veículo eficaz de comunicação, encontra-se intimamente relacionada à difusão dos estudos culturais no meio acadêmico.

Os estudos culturais da nossa contemporaneidade, de acordo com o historiador Peter Burke, florescem cada vez mais no setor educacional. Sobre o assunto, ele defende, em sua obra *Variedade em História Cultural*, que

Atravessamos hoje um período da chamada “virada cultural” no estudo da humanidade e sociedade. “Estudos culturais” florescem agora em muitas instituições educacionais, sobretudo no mundo de língua inglesa. Muitos estudiosos que há mais ou menos uma década se descreviam como críticos literários, historiadores da arte ou historiadores da ciência hoje preferem definir-se como historiadores culturais, trabalhando em “cultura visual”, “a cultura da ciência” e assim por diante. “Cientistas” políticos e historiadores políticos pesquisam “cultura política”, enquanto economistas e historiadores econômicos desviaram a atenção da produção para o consumo, e assim para desejos e necessidades moldados em termos culturais. Na verdade, na Grã-Bretanha contemporânea e em outras partes, a “cultura” se tornou um termo cotidiano que as pessoas comuns utilizam quando falam de sua comunidade ou estilo de vida (BURKE, 2006, p.233).

A entrada dos estudos culturais nos domínios da História possibilitou uma nova forma de se compreender o passado. O termo *História Cultural* foi cunhado originalmente na Alemanha em fins do século XVIII; de tal modo que apesar da sua real propagação no meio acadêmico em meados da década de 1990, ele já se fazia presente na História, embora de maneira restrita, sendo praticado apenas por um pequeno número de intelectuais. Já um significativo número de intelectuais encontrava-se preso a outras concepções, ainda atreladas à compreensão de um passado que não fosse necessariamente ‘contado’ através da cultura.

Os domínios da História redescobrem esta corrente de análise da realidade, a chamada *História Cultural*, na década de 1990, até então conhecida como crise dos paradigmas explicativos da realidade, o que possibilitou uma verdadeira virada no saber/fazer histórico dos estudiosos no campo da História.

A impossibilidade de se construir, de se perpetuarem novos conhecimentos, resultou em uma profunda descrença nos paradigmas explicativos da realidade; porém, as rupturas epistemológicas não significaram um afastamento por completo do neomarxismo inglês e da escola francesa dos *Annales*, por onde se deu o impulso de renovação, resultando na abertura desta nova corrente historiográfica, a qual conhecemos como *História Cultural* ou mesmo *Nova História Cultural*. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento menciona em sua obra *História e História Cultural* que

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a Cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo (PESAVENTO, 2005, p. 15).

A História mudou, e, na sua contemporaneidade, voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas, e isso se deve, em grande parte, a essa virada em sua área, que inclui uma concepção explicativa da realidade, a partir de um entendimento da cultura. As produções historiográficas brasileiras, de acordo com Sandra Jatahy Pesavento, correspondem, atualmente, a aproximadamente 80% em torno da história cultural. Sobre o assunto, ela diz:

Neste novo milênio, sua faceta mais recente e difundida seja aquela da chamada História Cultural. A História cultural responde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob a forma de livros e artigos científicos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras (PESAVENTO, 2005, p. 7/8).

Sendo assim, a inserção dos estudos culturais especificamente nos domínios da história apresentou uma infinidade de possibilidades temáticas, objetos e fontes a serem explorados pelos estudiosos desta área do saber. De modo que ao passo da afirmação dos estudos culturais entre os historiadores, as histórias em quadrinhos conquistaram a devida importância social que outras linguagens como o cinema, a literatura, a

fotografia, dentre outras, obtinham dos intelectuais acadêmicos. Sendo assim, uma nova percepção foi incorporada ao mundo dos quadrinhos, a partir da consolidação dos estudos culturais.

A obra de Ariel Dorfman e Armand Mattelart, *Para ler o Pato Donald*, rompeu significativamente com o ideal enraizado na sociedade, o de retratar os quadrinhos como simples historinhas infantis, com ausência da influência na vida dos seus consumidores, algo superficial e de rápido esquecimento. As histórias em quadrinhos serão abordadas em uma perspectiva do poder persuasivo que as HQs exercem nos seus leitores, desmitificando o rótulo de simples “leitura ingênua”.

O texto *Da história da arte para as mídias* de Gilmar Hermes<sup>5</sup> retrata os quadrinhos com base na linha de pensamento de Scott McCloud, no qual “a espécie humana, segundo McCloud, seria caracterizada por estar centrada em si mesma, atribuindo identidade e emoção aos objetos, transformando o mundo à imagem de si própria<sup>6</sup>”. McCloud, de acordo com Gilmar Hermes, enxerga de maneira distinta a experiência humana no que diz respeito ao nível dos conceitos e das percepções. Aqui vale explicitar uma passagem da obra *Desvendando os quadrinhos* de Scott McCloud<sup>7</sup>:

Todas as coisas que vivenciamos na vida podem ser separadas em dois reinos: o do conceito... e o dos sentidos. Nossas identidades pertencem ao mundo conceitual. Não podem ser vistas, ouvidas, cheiradas, tocadas ou saboreadas, são apenas idéias. E tudo o mais – desde o início – pertence ao mundo sensorial. O mundo externo a nós. Indo além de nós mesmos... encontramos a visão, o olfato, o tato, o paladar e o som de nossos corpos. E do mundo que nos cerca. E logo descobrimos que os objetos do mundo físico também podem atravessar... E possuir identidades próprias, ou... Sendo nossas extensões... começam a brilhar... com a vida... que nós lhes emprestamos. Ao trocar a aparência do mundo físico pela idéia de forma, o cartum coloca-se no mundo dos conceitos (McCLOUD, 2005, p. 39-41).

As pessoas se envolvem com as histórias em quadrinhos, construindo uma aproximação como efeito de identificação, e essa assimilação produz consequências relativas à postura comportamental dos seres humanos, as quais, atualmente, não passam por imperceptíveis no âmbito acadêmico.

---

<sup>5</sup> Doutor em Comunicação (UNISINOS). Professor das disciplinas História da Arte; e Comunicação e Filosofia, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

<sup>6</sup> HERMES, Gilmar. Da história da arte para as mídias. RS: revista Fronteiras – estudos midiáticos, VIII(2): 112-122, 2006, p. 117.

<sup>7</sup> Renomado quadrinista norte-americano que visa à defesa das obras quadrinizadas como uma forma literária e de arte autônoma.

As histórias em quadrinhos, de acordo com Francisco Baptista Assumpção Junior<sup>8</sup>, em sua obra *Psicologia e história em quadrinhos*, possuem dois importantes aspectos: “Um imaginário, onde se concretizam sonhos e aspirações, e um real, relacionado aos padrões ideológicos da sociedade na qual se inserem” (JUNIOR, 2001, p. 16). O autor, dando continuidade à sua linha de pensamento, menciona que

Em todas as nossas manifestações culturais, permanece como base a necessidade de comunicação com o outro. Nenhum ser humano é, enquanto ser, isolado. A dimensão exata da individualidade é dada pelo homem quando lançado ao mundo e interagindo com ele. A linguagem é básica, como forma de interação, e permitindo ao homem uma maior estruturação e delimitação de seu próprio mundo. Seus sentimentos, instintos, impulsos, pensamentos, quando comunicados, o aproximam do outro, e essa comunicação à medida que o tempo passa, vai se sofisticando e se refinando, de acordo com as possibilidades sociais e culturais. Neste ponto, vemos as histórias em quadrinhos como uma forma de se transmitir ao outro, de maneira clara e simples, mensagens (inclusive ideológicas) que são compreensíveis em qualquer canto do planeta (JUNIOR, 2001, p. 16).

Pensar que o conhecimento extraído dos quadrinhos é irrelevante para obtenção e construção do saber é um pensamento demasiadamente obsoleto, uma vez que as histórias em quadrinhos vêm tendo maior valorização no que diz respeito à ação que transmite à vida dos indivíduos, e no sentido que proporcionam aos seus leitores, desenvolvendo a criticidade e a criatividade, rompendo com o conceito difundido no âmbito social de inferiorização do saber por este veículo de comunicação de massa.

Nos dias atuais, a história em quadrinhos, no decorrer de algumas modificações, vem apresentando uma variedade de temáticas, objetos e técnicas voltadas para sua produção. Essa ampliação das temáticas nas histórias em quadrinhos é verificada no início do século XX, quando se observa a fuga da tradicional produção de material humorístico, à qual durante um longo período este se manteve restrito. Essa fuga possibilitou um novo olhar nos domínios das histórias em quadrinhos, consistindo em uma inovação positiva e de grande importância para os estudiosos do campo da História.

As modificações no campo das histórias em quadrinhos em termos de variações temáticas, objetos e técnicas para sua produção, estão diretamente associados a William

---

<sup>8</sup> Graduado em Medicina pela Fundação do ABC (1974), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985), doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988) e livre docência pela Faculdade de Medicina da USP (1993). Atualmente é professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Psiquiatria, atuando principalmente nos seguintes temas: deficiência mental, sexualidade, psiquiatria infantil e autismo.

Erwin Eisner, um revolucionário e inovador na arte de se produzir HQ. Ele é criador do termo *Graphic Novels* (Novelas Gráficas/ Romances Gráficos).

Eisner cunhou o termo 'Graphic Novel', romance gráfico, e especificou que se tratava de algo mais que um gibi bem impresso. Na tradição europeia dos anos 70, tratava-se de trabalhar textos e desenhos na direção de uma expressividade mais assumidamente pessoal. No caso de Eisner, essa demanda se nutriu principalmente de suas memórias da época da Depressão [...] Ele também produziu alguns importantes tratados teóricos que sublinhavam sua situação internacional de pai da matéria (PATATI, Carlos & BRAGA, Flávio, 2006, p. 89).

A indústria dos quadrinhos recebeu uma maior visibilidade com William Erwin Eisner, considerado um dos mais renomados artistas das histórias em quadrinhos, e um dos maiores impulsionadores no desenvolvimento deste gênero. A credibilidade dos quadrinhos em oposição ao seu enquadramento de acultramento deve-se parcialmente a esse artista, que foi o pioneiro na construção do formato de uma história extensa, apresentando uma temporalidade, um espaço definido e consistente na narrativa.

A arte sequencial, termo cunhado pelo próprio William Erwin Eisner, nasceria do ideal de estabelecer uma ligação indissolúvel entre a arte de narrar através de imagens sucessivas em seus mais variados enquadramentos, textos e imagens.

Durante os últimos 35 anos, os modernos artistas dos quadrinhos vêm desenvolvendo no seu ofício a interação de palavra e imagem. Durante o processo, creio eu, conseguiram uma hibridação bem-sucedida de ilustração e prosa. A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinho é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (...) Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar idéias similares, tornam-se uma linguagem - uma forma literária se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a "gramática" da Arte Seqüencial (EISNER, 1989: 8).

Na atualidade, as obras quadrinizadas, em suas diversas abordagens, obtiveram um conhecer e saber histórico de grande relevância, que vem se disseminando, conquistando cada vez mais espaço, *status* e um nível social de respeitabilidade da elite intelectual do meio acadêmico.

Antônio Dutra<sup>9</sup>, no seu artigo *Quadrinhos de não ficção*, menciona as dificuldades de aceitação das pessoas em conceder às histórias em quadrinhos um posicionamento não ficcional, citando como exemplo a obra *Maus – A história de um sobrevivente* de Art Spiegelman.

As histórias em quadrinhos são imediatamente associadas à idéia de ficção e é com muita dificuldade que HQs não-ficcionais têm reconhecido seu espaço. Veja-se o exemplo de *Maus*, de Art Spiegelman. A história, autobiográfica, é inteiramente documental, metade dela mostrando a luta do pai do autor, judeu de Varsóvia, para sobreviver a um campo de concentração durante a 2ª Guerra e a outra metade mostrando as conflituosas relações entre pai e filho na Nova Iorque dos anos 80. É um livro de memórias e um acerto de contas com o passado. Tem seu lugar garantido como uma das obras primas dos quadrinhos contemporâneos. E é contundente porque real (DUTRA, 2003, p.1).

Entretanto, os quadrinhos, até meados do século XX, apresentavam em suas produções, essencialmente, personagens infantis e juvenis, sobretudo, super-heróis e histórias de aventuras. Mas levando em consideração todas as iniciativas do uso das histórias em quadrinhos, e de acordo com Antônio Dutra em seu artigo *Quadrinhos de não ficção*, o caráter fantasioso das HQs foi radicalizado por alguns autores, com uma ficção científica que possibilitou o desenvolvimento dos quadrinhos autobiográficos e biográficos.

Com os anos 1960 e 70 da contracultura, dos hippies e do pop, os quadrinhos foram virados de pernas para o ar. Alguns autores radicalizaram o caráter fantasioso das histórias em quadrinhos, com uma ficção científica absolutamente lisérgica enquanto outros preferiram subvertê-la com uma espécie de choque de realidade. Dentro desta segunda vertente, desenvolveu-se uma linha de quadrinhos autobiográficos, geralmente de histórias curtas ao modo de pequenos depoimentos ou de uma crônica do banal do cotidiano (DUTRA, 2003, p.11).

Nesse percurso, e ao longo desses anos, as crianças e os jovens foram eleitos como o público preferencial no consumo das histórias em quadrinhos. Essa era a visão tradicional acerca da arte sequencial – um gênero voltado, em especial, para crianças e adolescentes. Este posicionamento, no entanto, foi modificado a partir da década de 1960, quando se constatou que a linguagem das obras quadrinizadas não se limitava apenas ao público infanto-juvenil. Desde o seu nascimento as histórias em quadrinhos não continham a pretensão de se fixar em uma determinada faixa etária de público. A

---

<sup>9</sup> Mestre pela Escola de Comunicações da Universidade Federal do Rio de Janeiro e *designer* gráfico da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz.

relação entre os quadrinhos, as crianças e os jovens é mencionada na obra *Quadrinhos na Educação* por Waldomiro Vergueiro<sup>10</sup>.

Tradicionalmente, os quadrinhos têm sido direcionados aos públicos infantil e juvenil. Isso ocorreu principalmente a partir do aparecimento das revistas de histórias em quadrinhos nos Estados Unidos durante a década de 1930, quando os responsáveis por essas publicações elegeram o público mais jovem como seu mercado preferencial. Essas revistas, em inglês, denominadas comic books, constituíram, inclusive o primeiro produto de massa direcionado para o público mais jovem, representando mesmo o reconhecimento do potencial de crianças e adolescentes como consumidores para uma economia em busca de sua expansão (Wright, 2001) (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p.159).

Com o surgimento das histórias em quadrinhos, e apesar das muitas controvérsias interligadas ao seu nascimento, é sustentada a tese de que as mesmas tiveram o seu berço na Era Pré-Histórica através das pinturas rupestres. De modo que a linguagem gráfica entrelaçada às histórias em quadrinhos se fez por existir devido à necessidade dos nossos ancestrais em demonstrar o cotidiano do homem e os seus mais variados sentimentos através das pinturas rupestres.

A partir daí, o homem teria começado a desenhar imagens, estruturadas numa sequência narrativa, que se encontrava no interior das cavernas. De acordo com Gaiarsa<sup>11</sup>, o homem do período da pré-história teria como propósito controlar a realidade por meio dos desenhos empreendidos nas cavernas; isso passou a ser a primeira produção de história em quadrinhos da humanidade.

Os acadêmicos dizem que os desenhos famosos das cavernas pré-históricas – que foram a primeira história em quadrinhos que já se fez eram um ensaio de controlar magicamente o mundo (...) Estes desenhos controlavam a realidade e eram mágicos – sem mais. (GAIARSA, 1970, p. 115)

Em meio às dificuldades, o homem da pré-história adquiriu, fundamentalmente, elementos culturais de bastante relevância para os dias atuais, a partir dos quais, mesmo sem saber, ele descobriu a sua capacidade de criação através das imagens; isso não só produzia o efeito da comunicação, mas também da cultura. William Erwin Eisner, em sua obra *Narrativas gráficas*, ressalta a ligação do homem com o ato de contar história.

---

<sup>10</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, onde atua como professor titular e exerce a chefia do Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Fundador e coordenador do OHQ.

<sup>11</sup> José Ângelo Gaiarsa destacou-se na área da psiquiatria. Formado em medicina pela Universidade de São Paulo e especializado em Psiquiatria pela Associação Paulista de Medicina, tinha, ainda, especialização em comunicação não verbal.

O ato de contar histórias está enraizado no comportamento social dos grupos humanos – antigos e modernos. As Histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, ou satisfazer curiosidades. Elas dramatizam relações sociais e os problemas de convívio, propaga idéias ou extravasa fantasias. Contar uma história exige habilidade (EISNER, 2005, p.11).

O ato de contar história consiste em uma verdadeira necessidade do homem em externar os seus sentimentos. A obra *Maus – A história de um sobrevivente* nascerá do intenso desejo do renomado cartunista norte-americano, Art Spiegelman, de transportar para os quadrinhos a trajetória de seus familiares em meio à Segunda Guerra Mundial. Vladeck Spiegelman, pai do autor, concederá entrevistas sucessivas ao filho, expondo todos os seus sentimentos, ao relatar a história da qual ele próprio será o protagonista, proporcionando para Art Spiegelman um abrangente e profundo conhecimento acerca dos ideais nazistas no decorrer da Guerra.

O autor relata em sua obra experiências de vida não vivenciadas por ele – a biografia de um homem que viveu em um período marcado pelo clima de tensão, sofrimentos, perdas e mortes. Vladek Spiegelman, sobrevivente do holocausto, descreve como atravessou aqueles anos turbulentos, com inteligência, tino para negócios e sorte.

Vladek conta a seu filho como ele e sua esposa, Anja, testemunharam a perda de tudo que possuíam em vida; os bens materiais, o respeito, a dignidade. Essa mesma tragédia foi vivenciada pela sua família, pelos seus amigos. Art Spiegelman, apesar de não ter vivenciado os horrores e o sofrimento de seus pais, juntamente com outros familiares judeus, convive com o sentimento de dor e perda. Ele, em um de seus quadros, evidência:

É muito esquisito tentar reconstruir uma realidade pior do que os meus sonhos mais pavorosos. E ainda por cima em quadrinhos! Acho que estou dando um passo maior do que as pernas. Talvez seja melhor deixar pra lá. Tanta coisa eu nunca vou conseguir entender nem visualizar. É que a realidade é complexa demais para ser contada em quadrinhos (...) Precisa deixar coisas de fora, simplificar (SPIEGELMAN, 2005, p. 176).

Spiegelman sabe que é impossível apreender a história na sua totalidade, ainda mais em quadrinhos; no entanto, o envolvimento de Art Spiegelman com as experiências de seu pai em meio à Guerra despertará o desafio do autor em produzir uma obra com uma finalidade reflexiva. A obra representará uma oportunidade única para o filho compreender o jeito de ser do seu pai; um homem severo, egoísta, preso a bens materiais, descrente do ser humano.

Vivenciar os horrores da Segunda Guerra Mundial fez com que Vladeck Spiegelman passasse a desconfiar de tudo e de todos, e as demais características que irão aflorar nele após o conflito de caráter mundial, posturas estas combatidas por Art Spiegelman, ganharão sentido de prevalência no comportamento do personagem (do pai) no momento em que o autor se propõe a produzir *Maus – A história de um sobrevivente*.

Escrever sobre a vida de alguém não é tarefa tão fácil de concretizar, mesmo que a relação entre autor e objeto, no caso, o biografado, seja de proximidade. No entanto, a historiadora Vavy Pacheco Borges, em seu texto *Grandeza e miséria da biografia*, inserida na obra *Fontes Históricas*, ressalta a importância da biografia como fonte para história, pelo qual ela diz:

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu (BORGES, 2010, p. 215).

A primeira parte de *Maus – A história de um sobrevivente* foi publicada em setembro de 1986, logo após oito anos de trabalho de Art Spiegelman. Seu esforço e dedicação se concentraram entre 1978 a 1991, já com a segunda parte introduzida nesse período. Entrevistas com introdução, inicialmente, de blocos para anotações, e posteriormente o uso de um gravador foram essenciais para a construção da obra. Todavia, o autor ambicionava uma fonte que poderia enriquecer e lhe proporcionar um novo olhar, um renovado caminho a trilhar em sua obra: os registros da sua mãe em um diário destinado a ele a partir das suas memórias individuais sobre o holocausto. Maria Teresa Cunha, em seu texto *Diários Pessoais - Territórios abertos para a História*, descreve como se trabalhar com diários de cunho pessoal e a sua importância como fonte de pesquisa.

Pensando os diários como registros de vida produzidos individualmente, mas que guardam traços culturais de um capital de vivências da época de quem o escreve, o historiador pode investir na interpretação de seus conteúdos. Assim, deve primeiramente mapear os temas tratados e, depois, analisá-los como atos de memória, redutos de expressão de sensibilidades que, mesmo em seus traços descontínuos, foram modos de fazer e compreender a vida do dia a dia. Na escrita do diário confluem o individual e o familiar, e a memória que se cria pode ser analisada como uma memória que também comporta o pertencimento a um grupo e, como tal, pode ser tratada como uma forma memória coletiva. Além disso, a escrita pessoal se nutre do relato de acontecimentos coletivos que impactaram o diarista e fizeram parte da experiência vital de sua realidade (CUNHA, 2009, p. 259).

Art Spiegelman tem uma crise de fúria ao saber que seu pai teria destruído as memórias de sua mãe ao destruir o diário que fora destinado a ele, e chamando o mesmo de *assassino*, consciente da importância que esses registros pessoais de Anja poderiam ter para a sua obra, já que essas memórias poderiam transportar para os quadrinhos as inúmeras consequências individuais e coletivas sobre a Segunda Guerra Mundial, a partir da apreensão social do período que seus pais e demais familiares vivenciaram, e ao qual sobreviveram.



Figura 1: Representação de Art Spiegelman em sua crise de fúria pela destruição dos diários de sua mãe, Anja Spiegelman, pelo seu pai, Vladeck Spiegelman. *Maus – A história de um sobrevivente*, 2009, p.161.

Mediante a propagação do saber histórico entrelaçado na obra *Maus – A história de um sobrevivente*, nos torna cabível um olhar voltado a conceder o ato da leitura das histórias em quadrinhos não apenas como uma mera distração infantil, mas como fonte de pesquisa e de estudo, com grandes possibilidades em termos de conhecimento histórico. Afinal, de acordo com a historiadora Vavy Pacheco Borges, “A diversidade dos testemunhos do passado é muito grande. Tudo quanto se diz ou se escreve, tudo quanto se produz e se fabrica pode ser um documento histórico” (Borges, 1993, p. 61).

## 1.2- REPRESENTAÇÕES ANTROPOZOORMÓFICAS

Rato, gato, cachorro, porco, sapo, borboleta, rena, peixe, urso<sup>12</sup> são animais que se fazem presentes na obra *Maus – A história de um sobrevivente* de Art Spiegelman, consistindo em representações antropozoormólicas, segundo as quais, cada animal da obra representa algum povo em específico.

A obra de Art Spiegelman, além de consistir em uma biografia de conteúdo adulto, também apresenta outra fascinante característica praticada desde o início do século XX. É nesse período que ocorre uma intensa massificação dentro das histórias em quadrinhos, de um gênero denominado animal *strips* ou animal falante, como popularmente esse gênero é conhecido. O referido gênero consiste em uma espécie de caricatura dos seres humanos, de modo a dotar esses animais de sentimentos, linguagens e demais posturas comportamentais restritas aos seres humanos.

Art Spiegelman humaniza os personagens dotando-os de alegrias, tristezas, medos, receios etc., apreendendo com muita sensibilidade o cenário marcado pelo clima de atrocidades em meio à Segunda Guerra Mundial, através dos relatos orais de seu pai Vladeck Spiegelman, que, descrente do êxito da obra quadrinizada produzida a partir da sua exposição dos horrores que vivenciou na Guerra, propõe ao seu filho *desenhos que dessem dinheiro*, não imaginando a repercussão de suas memórias para uma obtenção do conhecimento acerca do momento em que foi instituída a política racial da Alemanha nazista.

A epígrafe que introduz a obra de Spiegelman, citada pelo líder nazista Adolf Hitler, *Sem dúvida os judeus são uma raça mas não são humanos*, é um ponto de partida para a compreensão de que cada povo que compõe o cenário da Segunda Guerra Mundial em *Maus* está associado, de maneira distinta, a algum animal. Isso, aos olhos de Art Spiegelman, caracteriza o comportamento que os indivíduos etnicamente diferenciados adotaram no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

A Alemanha contaminada pela ideologia nazista propagava uma proximidade dos judeus com ratos, ideal defendido por Josef Goebbels, chefe do Ministério do Esclarecimento e da Propaganda Popular. As instituições educacionais e os meios de comunicação eram severamente controlados por Josef Goebbels, que manipulava a

---

<sup>12</sup> Não foi possível encontrar na obra *Maus – a história de um sobrevivente* os russos sendo representados por ursos, porém, em todas as pesquisas é mencionada a representação dos russos como ursos, de tal modo que sustentamos os ursos como um dos animais que se encontram presentes na obra de Art Spiegelman.

mídia em favor dos ideais nazistas, impondo à população uma única opinião e um único ponto de vista sobre os judeus; atribuindo a este povo uma inferioridade étnica.



Figura 2: Representação dos judeus como ratos. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p.149.

Vladeck Spiegelman, ao recordar de sua trajetória no período em que foi instituída a política nazista em sociedade, descreve ao filho, Art Spiegelman, um momento em que passando pela rua crianças correram e começaram a gritar – *Socorro! Mãe! Um judeu!* Deixando nítido o desconforto das crianças em meio à presença de um judeu, uma vez que as mães educavam seus filhos de acordo com os princípios interligados aos ideais nazistas, que costumavam classificar os judeus como um perigo social, assemelhando-os a uma espécie de bicho-papão a quem se deve temer, devido a um possível “ataque”.



Figura 3: Representação do desconforto das crianças em meio à possibilidade da presença de um judeu. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p.149.

Foi realizada uma verdadeira caça. Eram os “gatos”, movidos pelos instintos da caça, na qual os “ratos” eram, dentre as etnias consideradas impuras, o principal alvo. Os judeus passariam a ser enxergados, em sociedade, portanto, como animais sujos, pragas a serem expelidas do convívio social em relação às demais etnias. Foi empreendido um verdadeiro jogo de gato e rato, no qual o rato era presa fácil para o gato.



Figura 4: Representação dos nazistas como gatos. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p.268.

Os nazistas defendiam o extermínio dos judeus em sociedade, impulsionados pelos ideais propagados e defendidos por Adolf Hitler. O líder nazista de caráter antissemita perseguiu ferozmente os judeus expondo o seu pensamento a respeito dessa etnia em sua obra *Minha Luta*, considerada a bíblia dos nazistas, produzida no período no qual Adolf Hitler se encontrava na prisão, por uma tentativa frustrada de golpe contra o Estado no período de 1923.

Adolf Hitler e seu partido, estrategicamente impulsionados pela conquista do poder, planejaram minuciosamente um golpe para assumir o controle do Estado num momento oportuno, em que o Vale do Ruhr, região de destaque na área siderúrgica da Alemanha, estava sendo ocupada pelos franceses. No entanto, a tentativa não passou de um mero fracasso, no qual Hitler é condenado e preso.

Durante o período em que esteve na prisão Adolf Hitler apresentará, através de sua obra *Minha Luta*, o programa ideológico interligado à política nazista, atribuindo também aos judeus a responsabilidade do colapso financeiro da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial; considerando-os, por isso, inimigos da pátria, de modo a conscientizar a população da necessidade de afastar esta etnia de “origem impura” do convívio social, exercendo sua linha de pensamento, da teoria à prática, para a concretização da supremacia alemã. A historiadora Annette Wieviorka explica, em sua obra, a origem deste antissemitismo.

- Por que este antissemitismo? – O antissemitismo é antigo. Para alguns, é contemporâneo do próprio momento em nasceu o judaísmo, há três milênios. Outros acham que sua fonte é o cristianismo. Fala-se assim principalmente de antijudaísmo. Em essência, culpam-se os judeus de não terem admitido que Jesus é o Messias, de recusarem esta “boa-nova”, de resistirem à conversão. Pior ainda, acusam os judeus de serem responsáveis pela morte de Cristo. Esta responsabilidade é coletiva – todos os judeus – e eterna, pois se transmite a todas as gerações de judeus há dois mil anos. Foi na Idade Média que este antijudaísmo cristão floresceu e alimentou todo tipo de mitos. O judeu tornou-se um personagem demoníaco, que tinha parte com diabo. Quando a Europa foi vítima de uma epidemia de peste negra, foi culpa dos judeus, que teriam envenenados os poços; acusaram-nos também de assassinatos rituais: todos os anos, no momento da Páscoa judaica, eles assassinariam uma criança cristã para misturar seu sangue ao pão ázimo que os judeus comem durante todo o período da Páscoa. Mas naquela época, principalmente durante os massacres, como os que foram cometidos na época das cruzadas, era possível a um judeu escapar do seu destino pela conversão. Os que se recusaram a trair suas crenças foram, então, mártires que sacrificaram sua vida, como se diz, pela santificação do nome, ou seja, de Deus (WIEVIORKA, 2000, p. 59 / 60).

Na cadeia alimentar, o rato é presa fácil do gato, além de ser o animal que mais aflora o instinto caçador do felino, já que o roedor apresenta uma agilidade que desperta no gato o instinto natural da caça. O rato, apesar de frágil, é um animal astuto, de pequeno porte, o que favorece a sua proteção em meio a algum perigo nos lugares impenetráveis por animais de grande porte.

“*Maus*”, vocábulo alemã, quando traduzido para o português significa “rato”. Assim como ratos os judeus tinham de se refugiar em lugares impenetráveis pelo inimigo; tinham de ser astutos para não cair em ciladas promovidas pelos nazistas. Vladeck e Anja se refugiavam muitas vezes em lugares inusitados, com a finalidade de não se tornarem presas tão fáceis dos nazistas. Os adeptos do nazismo se apresentavam como os exterminadores, já que de acordo com o próprio líder do nazismo, os judeus não pertenciam à raça humana.

No ano de 1942, os líderes nazistas impulsionados pela sede de mortes em massa, instituem os chamados campos de extermínio, construídos com a perspectiva de matar todos os judeus, pratica esta conhecida como “solução final”. Os campos de concentração já existiam muito antes da adoção dos campos de extermínio, de modo que, os campos de concentração tinham apenas por finalidade explorar o trabalho dos judeus, uma vez que os nazistas faziam os prisioneiros trabalhar como escravos. Milhares de judeus se tornaram presas a partir de métodos eficazes adotados pelos nazistas no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

O Holocausto promovido pelos nazistas representou a necessidade que a Alemanha, através de Adolf Hitler, tinha em mostrar ao mundo, em especial às grandes potências europeias, vencedoras da Primeira Guerra Mundial, o seu poder, com a morte de milhões de judeus em campos de concentração. Cabia à Alemanha provocar um impacto de medo e receio, em especial, aos europeus, deixando nitidamente que o sentimento de humilhação provocado com a finalização da Primeira Guerra Mundial a fortaleceu, e seria aquele o momento da virada.

De acordo com Alexander J. de Grand, a Alemanha apresentava inúmeros problemas internos, que se tornavam cada vez mais insustentáveis com a sua derrota na Primeira Guerra Mundial, afinal, recaiu drasticamente sobre a Alemanha pesadas medidas impostas pelo Tratado de Versalhes<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Tratado de paz assinado pelas potências europeias que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial. Neste Tratado, a Alemanha assumiu a responsabilidade pelo conflito mundial, comprometendo-se a cumprir uma série de exigências políticas, econômicas e militares.

A derrota na Primeira Guerra Mundial alterou ainda mais drasticamente a base da política alemã do pós-guerra. Primeiro, ao destruir o velho sistema político, a guerra levou a um questionamento das relações entre indústria, a burocracia e o poder executivo. Ao findar a guerra, entendimentos há muito estabelecidos, estavam em frangalhos. Mais ainda, o começo da guerra em 1914 iniciou na Alemanha um período de crise econômica, que perdurou durante boa parte do período entre guerras. Após décadas de crescimento estável, desde 1880 até o rompimento da guerra, a instabilidade econômica dos anos 1920 até o começo dos 1930 exacerbou a crise nas relações políticas, provocada pela instauração da República de Weimar. Por fim, a guerra agravou uma crise entre gerações, que já vinha fermentando mesmo antes de 1914. Em meados da década de 1920, o número de jovens entre 15 e 25 anos atingiu o auge, justamente quando o mercado de trabalho se mostrava menos apto a absorvê-los. Em 1932, um quarto dos desempregados tinha entre 14 e 25 anos. Não só a geração saída das trincheiras que emergiu da guerra desorientada e amargurada, a geração que se seguiu tampouco teve melhor sorte. (GRAND, 2006, p. 33-34)

A Alemanha arrasada economicamente encontra todo o seu processo de reconstrução a partir do governo de Adolf Hitler, que apontava para uma única direção; culpando os judeus por todos os malefícios sociais da Alemanha, baseado em seus ideais antissemita e na estabilidade econômica dos judeus, sendo, pois, oportuno para a reconstrução econômica da Alemanha o desvio de riquezas dos judeus para os alemães.

Os nazistas confiscaram todas as riquezas dos judeus. Lojas eram invadidas, destruídas, e qualquer tentativa de resistência era pretexto para violência. Essa onda de violência foi seguida por novas restrições, que, de acordo com Grand, limitavam os direitos dos judeus até o ponto de exclusão total, entre 1938 e 1942. As normas foram empilharam-se umas sobre as outras. Grand menciona que, finalmente, em 1942, Victor Klemperer<sup>14</sup> listou-as em seu diário:

1) Estar em casa depois das 8 ou 9 horas da noite. Inspeção! 2) Expulsão da própria casa. 3) Proibição de usar o rádio e o telefone. 4) Proibição de ir a teatros, cinemas, museus. 5) Proibição de assinar ou comprar periódicos. 6) Proibição de usar o transporte público. Três fases: a) proibição de usar o ônibus; só é permitido usar a plataforma da frente do bonde; b) proibição de qualquer uso, que não seja para trabalhar; c) ir para o trabalho a pé, a menos que more a uma distância de duas milhas e meia, ou esteja doente (mas é difícil conseguir um atestado médico). Proibição de usar táxi também [...]; 7) Proibição de comprar charutos ou qualquer tipo de produto para fumar. 8) Proibição de comprar flores [...]; 9) Proibição de ir ao barbeiro [...]; 10) Entrega compulsória de máquinas de escrever, 11) de peles e cobertores de lã, 12) de bicicletas [...]; 13) de cadeiras de armar, 14) de cães, gatos, pássaros [...] (GRAND, 2005, p. 110).

---

<sup>14</sup> Sobrevivente do holocausto, Victor Klemperer tornou-se famoso pelos registros empreendidos em um diário, o qual ele manteve consigo no decorrer da execução do holocausto, constituindo um documento de grande valor histórico.

O rato é presa fácil para o gato, e o gato é presa fácil para o cachorro. Os norte-americanos estão representados como cachorros na obra *Maus*. Os Estados Unidos no decorrer da Primeira Guerra Mundial adotaram uma política de neutralidade. Sua entrada na Guerra ocorreu a partir da Alemanha, que afundou os navios dos Estados Unidos por concluir que as embarcações continham subsídios para o Bloco Inimigo. A entrada dos Estados Unidos foi de extrema importância para a vitória dos países integrantes do bloco da Tríplice Entente, que já apresentava abalos financeiros, e tornava-se incapaz de sustentar por muito tempo a Guerra. Consequentemente, a entrada dos Estados Unidos acelerou a queda da Alemanha.

A guerra representa um grande malefício praticado pela humanidade, evento bélico que promove a destruições entre seres da mesma espécie, movido principalmente pela sede de poder. A guerra beneficia poucos e arruína muitos. O grande beneficiado com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial, sem dúvida alguma, foram os Estados Unidos, o qual inicialmente manteve uma política de neutralidade, enquanto as grandes potências mundiais mergulhavam de cabeça na Primeira Guerra Mundial, concedendo a oportunidade de os Estados Unidos abastecerem mercados mundiais com seus produtos, anteriormente abastecidos pelas potências europeias.

Devedor os Estados Unidos migram para a situação de credor das grandes potências europeias, visto que a sua participação na Primeira Guerra Mundial foi menos impactante para a economia do país, devido a sua entrada tardia em meio à Guerra. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos novamente mantiveram uma política neutra mediante a Guerra política essa que se quebra a partir do momento que os japoneses atacam a base naval localizada em Pearl Harbor. Os japoneses eram aliados dos alemães; consequentemente, os Estados Unidos se voltaram novamente contra a Alemanha no decorrer da Guerra, possibilitando novamente o gosto amargo da derrota para os alemães. O historiador Philippe Masson, em sua obra *A Segunda Guerra Mundial – História e estratégias*, descreve o ataque à base aeronaval de Pearl Harbor, mencionando que

No domingo, 7 de dezembro de 1941, às 8h da manhã, a base aeronaval de Pearl Harbor, próxima de Honolulu, capital do Haváí (Estados Unidos), sofre dois ataques aéreos sucessivos da aviação embarcada japonesa. Essa agressão surpresa, que lembra a de Port-Arthur em 1904, foi preparada pelo almirante Yamamoto muitos meses antes. Os 6 porta-aviões (com um total de 423 máquinas), os 2 encouraçados e as embarcações de escolta são comandados pelo almirante Nagumo. Vinda de Etoforu (Curilas), a frota japonesa evita as rotas de comércio e se aproxima do Haváí pelo norte, sem ser detectada (MASSON, 2010, p.520).

Com os americanos representados como cachorros fica estabelecido o jogo de poder que se prevaleceu em meio à Segunda Guerra Mundial. Os nazistas exercendo poder sobre os judeus, provocando um sentimento de repulsa mundial ante a pior atrocidade já cometida pela humanidade no decorrer de sua longa história, e os americanos exercendo o seu poder contra a Alemanha no momento em que entra na Segunda Guerra Mundial.



Figura 5: Americanos representados como cachorros. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p.271.

Foi a partir da política expansionista de Adolf Hitler que eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Com o sentimento de humilhação devido às duras penalidades impostas pelo Tratado de Versalhes, Adolf Hitler iniciou o seu plano de vingança, através de uma política expansionista que visava a reconquistar territórios perdidos após a Primeira Guerra Mundial, e conquistar novos territórios. O mundo sofrera enormes modificações no plano geográfico, sobre as quais Magnoli, em sua obra *História das Guerras*, menciona:

O mapa da Europa havia mudado. Pelos acordos firmados em 1919, surgiram novos países: Polônia, Tchecoslováquia, Áustria, Hungria, países bálticos. Mas o centro determinante da política européia era realmente a Alemanha. Com a criação da Tchecoslováquia, por exemplo, a Alemanha perdeu parte de seu território e mais de 3 milhões de habitantes. O mesmo se deu com a Polônia, que se formou dividindo o território alemão pelo famoso “corredor polonês”. Os países vitoriosos encontraram-se e firmaram o célebre Tratado de Versalhes, que foi imposto à Alemanha. Pelo tratado, a Alemanha foi considerada a grande responsável pela guerra (MAGNOLI, 2006, p. 358).

O expansionismo alemão seria o ponto crucial para se deflagrar uma Segunda Guerra Mundial. Segundo o historiador Eric Hobsbawn, em sua obra *Era dos extremos*, Adolf Hitler seria a resposta para a origem da Segunda Guerra Mundial.

As origens da Segunda Guerra Mundial produziram uma literatura incomparavelmente menor sobre suas causas do que as da Primeira Guerra, e por um motivo óbvio. Com as mais raras exceções, nenhum historiador sério jamais duvidou de que a Alemanha, Japão e (mais hesitante) a Itália foram os agressores. Os Estados arrastados à guerra contra os três, capitalistas ou socialistas, não queriam o conflito, e a maioria fez o que pôde para evitá-lo. Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler (HOBSBAWN, 2008, p.43).

O estopim da Guerra foi a invasão dos alemães à região da Polônia, que na época dividia o território alemão. A Alemanha reivindicava o direito de passagem livre pela região que ligava a Prússia Oriental ao resto do território alemão. Sendo assim, a guerra foi declarada, devido a Polônia estar sobre a proteção da França e da Grã-Bretanha, que tinham compromissos de ajuda aos poloneses.

De acordo com Magnoli (2006), a Polônia em aproximadamente vinte dias do início da invasão rendeu-se, dando início a um processo de exploração e domínio alemão:

Depois de pouco mais de vinte dias do início da invasão, os comandantes poloneses assinavam a rendição. A Polônia deixou de existir como Estado independente. Era considerado um território anexado à Alemanha, cujos habitantes deveriam simplesmente trabalhar para os alemães. Daí em diante, iniciou-se a superexploração de mão-de-obra de trabalhadores judeus, poloneses e outras etnias. Nasceram também os famigerados campos de concentração, onde judeus e opositores dos nazistas eram internados. Posteriormente aplicou-se a política da “solução final”, ou seja, a pura e simples eliminação dos judeus (MAGNOLI, 2006, p. 364).

A ocupação nazista no território polonês tinha que ser de extrema brutalidade, pois eles queriam fazer dos poloneses uma nação de escravos, e foi com esse objetivo que os nazistas passaram a investir em construções de lugares como Auschwitz, inspirados em campos de concentração que já haviam sido implantados na Alemanha.

A razão crucial para a transformação de Auschwitz em um grande campo de concentração era simples: prevalecia um interesse da Alemanha acerca das riquezas naturais encontradas nessa região localizada na Polônia, com reservas volumosas de água fresca, cal e carvão, redes de minas e jazidas de carvão.

Hitler propunha planos grandiosos de dominação em Auschwitz, com a instalação de uma indústria voltada para atender aos interesses de guerra, já que essa região dispunha de matérias-primas necessárias para os interesses alemães. O campo não seria mais um lugar de águas paradas, e sim um dos maiores campos nazistas.

Os porcos são classificados como animais sujos, já que gostam de estar imersos em lamas e sujeiras. É considerado um animal impuro segundo a lei de Moisés, no velho testamento, devido ao hábito de ingerir lavagem e podridão. A ingestão de sua carne torna-se, portanto, proibida para os judeus. Na obra *Maus*, Art Spiegelman apresenta os poloneses como porcos, devido a sua postura comportamental na Segunda Guerra Mundial. Os poloneses se posicionaram de maneira bastante pacífica diante do

domínio nazista, deixando-se submeter aos ideais nazistas. Curiosamente, Varsóvia, capital da Polônia, abrigava a maior comunidade judaica do território polonês.



Figura 6: Representação dos poloneses como porcos. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p.139.

Os judeus foram ferozmente perseguidos pelos nazistas, e apesar de os poloneses estarem sobre o domínio nazista, e de perderem seu território para a Alemanha, preferiram assistir a todo o espetáculo de braços cruzados, esperando uma ajuda ofertada pelas grandes potências européias. Os judeus foram enquadrados em uma posição sub-humana. Poucos eram os poloneses com a devida consciência de ajuda. A solidariedade neste cenário de domínio nazista na Polônia era quase nula; afinal, quem fosse descoberto patrocinando proteção a algum judeu, sofreria as duras penalidades promovidas pelos nazistas.

Além dos judeus, outras etnias foram perseguidas pelos nazistas, integrando o chamado holocausto. Homossexuais, eslavos e ciganos também deveriam ser afastados da sociedade alemã, não estando aptos a vivenciarem a nova sociedade que Adolf Hitler se dispunha a construir na Alemanha. Robert S. Wistrich expõe em sua obra *Hitler e o holocausto* que:

Nascer judeu, aos olhos de Adolf Hitler e do regime nazista, significava, *a priori*, não pertencer ao gênero humano e, portanto, não ter direito à vida. Houve outras vítimas inocentes da ideologia racial nazista: ciganos, considerados de raça impura, foram mandados para as câmaras de gás; russos, poloneses, e outros povos oriundos de nações ocupadas pelos nazistas na Europa Oriental foram reduzidos à escravidão; até mesmo alemães, marcados por defeitos físicos ou mentais congênitos, foram condenados à morte, até que o clamor da opinião pública forçasse o regime a atenuar a aplicação desta última política (WISTRICH, 2002, p. 13/14).

Os ciganos, pela sua natureza desprendida de território, sempre transitando de um lugar para outro, estão representados em *Maus* como borboletas, animais que representam essa questão de liberdade, característica principal dos ciganos. Eles foram considerados como pertencentes a uma etnia impura e, portanto, imprópria para convívio social.



Figura 7: Representação dos ciganos como borboletas. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p. 293.

As perseguições realizadas ao povo cigano pelos nazistas tinham por base questões raciais. Os nazistas definiam os ciganos como povos preguiçosos e antissociais; não serviam, portanto, para o projeto de Estado Novo, ambicionado pelos adeptos do nazismo.

Ao retratar o período (ano de 1946) no qual Vladeck Spiegelman permaneceu na Suécia, Art Spiegelman representará o povo sueco como renas, animais que integram, em grande número, o território da Suécia. A Polônia encontrava-se arruinada após a Segunda Guerra Mundial, o que impulsionou Vladeck a buscar um sustento fora dessa região, trabalhando duro e sempre com bastante inteligência, que nunca lhe abandonara mesmo mediante os sofrimentos causados pelo holocausto. Posteriormente, ele retorna à Polônia e fica sabendo que a sua amada, Anja, também tinha sobrevivido ao holocausto, reencontrando-a e reconstruindo novamente a sua vida ao lado da esposa.



Figura 8: Representação dos suecos como renas. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p. 285.

As tensões entre as grandes potências europeias em meados do século XX já evidenciavam a iminente eclosão de uma guerra; tudo poderia servir de estopim para se deflagrar uma possível Primeira Guerra Mundial.

As grandes potências mundiais até o início do século XX se concentravam no continente europeu, período este conhecido como *eurocentrismo*, já que a Europa exercia uma forte influência mundial. A Inglaterra, pioneira na revolução industrial, em meados do século XVIII, apresentava-se no cenário mundial como uma das maiores potências, abastecendo países de toda parte do mundo com seus produtos.

Art Spiegelman associa os ingleses a peixes, animais que existem em toda parte do planeta terra, e que por longos anos serviram de fonte alimentícia indispensável à sobrevivência dos seres humanos. A Inglaterra ambicionava tornar-se, assim como o peixe, indispensável para toda população. Seus produtos, fabricados numa escala cada vez maior, necessitavam de mais mercados consumidores; seu real objetivo era conquistar todo mercado mundial e tornar os indivíduos dependentes dos seus produtos.



Figura 9: Representação dos ingleses como peixes. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p. 291.

A localização geográfica da Grã-Bretanha favoreceu a um não ataque alemão em meio a seu território, porém, o mesmo não ocorreu com a França, que caiu no domínio alemão. A França, que junto à Inglaterra declarou guerra à Alemanha, adotou como medida de prevenção a uma possível penetração nazista em seu território uma extensa fortificação na imensa fronteira com a Alemanha, conhecida como Linha Maginot; no entanto, sua fronteira com a Bélgica encontrava-se desprotegida, facilitando a invasão dos alemães através da conquista sobre a Bélgica. O historiador Eric Hobsbawm, em sua obra *Era dos extremos*, menciona a ocupação da França pelos nazistas logo após sucessivas conquistas territoriais no cenário europeu.

A guerra, portanto, começou em 1939 como um conflito puramente europeu, e, de fato, depois que a Alemanha entrou na Polônia, que foi derrotada e dividida em três semanas com a agora neutra URSS, como uma guerra puramente européia ocidental de Alemanha contra Grã-Bretanha e França. Na primavera de 1940, a Alemanha levou de roldão a Noruega, Dinamarca, Países Baixos, Bélgica e França com ridícula facilidade, ocupando os quatro primeiros países e dividindo a França numa zona diretamente ocupada e administrada pelos alemães vitoriosos, e num “Estado” satélite francês (seus governantes, oriundos dos vários setores da reação francesa, não queriam mais chamá-la de república), com capital num balneário provinciano, Vichy (HOBSBAWM, 2008, p. 46).

Na obra *Maus*, Spiegelman associa os franceses a sapos, devido ao hábito do povo francês de apreciar pernas de sapo em refeição de luxo. Sobre o domínio alemão, coube à França uma espera para reverter a situação, com o apoio dos *peixes*, *cachorros*, e por fim, dos *ursos*, que lhe garantiriam a vitória sobre a Alemanha.



Figura 10: Representação dos franceses como sapos. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p. 253.

Os ursos são animais enormes que despertam temor em todas as espécies, devido ao seu tamanho e à sua força. É assim que os russos estão representados em *Maus*; a estes animais de enorme tamanho e força.

Profundas transformações vigentes se estabeleceram no início do século XX, na Rússia, em termos econômicos, políticos e sociais. Sua economia transitava de agrária para industrializada, com a implantação intensiva de indústrias, embora tardia, se comparada a outros países europeus, impulsionando o deslocamento maciço de populações do meio rural para os grandes centros urbanos. A Rússia concentrava a maior parte da sua população no campo, uma vez que sua economia estava voltada para o setor agrário.

O abandono do campo representou uma esperança para um grande número de pessoas que visava a melhores oportunidades de vida, formando uma excessiva mão de obra no setor industrial; isso ajudaria a formar mais tarde uma poderosa força, que derrubaria o governo nazista, e implantaria um governo com ideais socialistas, baseados na linha de pensamento de Karl Marx, que defendia uma luta de classes entre os explorados e os exploradores; burgueses *versus* proletariados.

Em meados 1917, uma revolução se alastrou em meio ao solo russo, conhecida na nossa história como *Revolução Russa*, firmando assim a conquista do poder da Rússia pelos bolcheviques, que de imediato resgataram o país das consequências da Primeira Guerra Mundial, e adotaram uma série de medidas econômicas com a finalidade de salvar a Rússia do possível colapso financeiro, herdado de um governo monárquico absolutista, imprudente, que mergulhou o país numa onda de crises econômicas.

Reestruturada economicamente já no governo de Stalin, a Rússia se envolve em mais um grandioso acontecimento da nossa humanidade: a conhecida Segunda Guerra Mundial. No período de 27 de agosto de 1939, a Alemanha firmou um pacto secreto de

não agressão com a união soviética, mas com a invasão dos territórios da Rússia pelos nazistas, Hitler quebrou tal acordo, despertando a fúria de Stalin, no dia 22 de junho de 1941. O exército de Hitler marchou em direção ao centro da União Soviética, movido pelo propósito de dominação dos poços de petróleo situados no continente asiático.

Stalin, apelando para o fervor patriótico da população russa, organiza um poderoso exército em defesa de um único ideal, o de expulsar os inimigos nazistas da Rússia. Stalingrado, uma das principais cidades da Rússia, representou um obstáculo de grande relevância para a derrota dos nazistas. Localizada às margens do rio Volga, a cidade foi palco de um conflito que mudaria o destino do mundo. Foram aproximadamente cento e oitenta dias de combate entre alemães e russos; uma guerra quase que pessoal entre Hitler e Stalin. Se os nazistas se apossassem de Stalingrado, o país inteiro se arruinaria.

A vitória dos russos desestruturou a invencibilidade do exército alemão, proporcionando uma esperança a toda Europa de reconquistar territórios perdidos para Alemanha nazista. Esse acontecimento impediu a realização do sonho de Adolf Hitler que consistia em dominar o mundo. A queda dos “gatos” representou o triunfo dos “cachorros”, dos “peixes”, dos “sapos” e “ursos” em termos mundiais, devido a uma nova ótica da humanidade, baseada agora na preservação da paz mundial, haja vista as consequências danosas individual e coletivamente das populações envolvidas na guerra. Essa queda cessou o domínio sobre os “porcos” e a finalização da barbárie promovida contra os “ratos” e as “borboletas”.

## CAPÍTULO 2

### MEMÓRIA E RESENTIMENTO

#### 2.1 – A MEMÓRIA COMO RECURSO DE APREENSÃO DO PASSADO

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p.419).

A memória consiste em um ponto de grande relevância para a espécie humana. Podemos mesmo dizer que a memória é uma dádiva para a humanidade, presente este destinado a conceder ao homem uma apreensão de seus feitos passados, e, assim, proporcionar de maneira individual ou coletiva, um sentido existencial, na medida em que uma elevada soma de acontecimentos passados intrínsecos ao homem o remete a uma compreensão da sua contemporaneidade e a uma perspectiva de futuro melhor, com base nos erros e acertos passados.

Os estudos no campo da memória possibilitam aos domínios da História um enriquecimento extraordinário acerca dos valores e das próprias ações coletivas e individuais. O meio acadêmico compreendeu que a memória é muito mais do que um processo restrito à prática de trazer à tona fatos passados.

Sobre o assunto, o artigo intitulado *Questões introdutórias para uma discussão acerca da História e da Memória*, dos autores Fabiano Junqueira de Freitas e Paula Lou Ane Matos Braga, sugere estabelecer o olhar ao qual se deve voltar para a memória na perspectiva do saber/fazer histórico:

O debate sobre a relação entre história e memória é uma das grandes discussões teóricas que têm se imposto a várias gerações de historiadores, pois estrutura os fundamentos e objetivos do fazer histórico. A memória não pode mais ser vista como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, de valor acessório para as ciências humanas. Na verdade, ela se apóia na construção de referenciais de diferentes grupos sociais sobre o passado e o presente, respaldados nas tradições e ligados a mudanças culturais. A história não pode ter a pretensão de estabelecer os fatos como de fato ocorreram, e por isso coexistem, não obstante, várias leituras possíveis sobre a utilização da memória para a interpretação da história (FREITAS & BRAGA, 2006, p.1).

Interligado ao estudo da memória, o esquecimento talvez seja um ponto em destaque a ser ressaltado, seja qual for a área do conhecimento a explorar o ato de lembrar. Afinal, esquecemos muitas das informações obtidas com o decorrer da nossa trajetória na terra. É impossível retratar algo já vivenciado com riqueza de detalhes, ainda que a apreensão do ocorrido, seja ela de forma individual ou coletiva, através das lembranças, corresponda a um curto espaço de tempo. Para que grandes realizações ou mesmo catástrofes empreendidas pelos seres humanos não se apaguem com o passar do tempo, é necessário que se combata o esquecimento, através da vivacidade da ação humana em sociedade. Porém, segundo Sandra Jatahy Pesavento, em sua obra *História & História Cultural*:

Cabe dizer que a contrapartida da Memória é o esquecimento. Não é possível tudo lembrar, pois a Memória é seletiva, tal como a matéria do esquecimento também é objeto de processos que ultrapassam a escala do inconsciente (PESAVENTO, 2005, p.95).

Para muitas pessoas, a prática da recordação consiste em uma verdadeira necessidade vinculada a sua existência em meio às complexidades contemporâneas. O ser humano, no momento em que reaviva coisas passadas, trazendo à tona momentos de felicidade, tristeza, euforia, medo etc., oralmente ou mesmo exprimindo tais sensações nas pinturas, esculturas e na escrita, prossegue com uma postura que vai de encontro ao temido esquecimento, já que lembrar e esquecer apesar de antagônicos são tidos como essenciais ao processo memorial da humanidade.

O texto *A arte de esquecer-se*, dos autores Iván Izquierdo, Lia R. M. Bevilaqua e Martín Cammarota, segue uma perspectiva, segundo a qual nem toda memória se faz por ser positiva à vida do indivíduo; o esquecer além do lembrar também é necessário para o homem.

De fato, é necessário esquecer, ou pelo menos manter longe da evocação muitas memórias. Há muitas que nos perturbam: aquelas de medos, humilhações, maus momentos. Há outras que nos prejudicam (fobias) ou nos perseguem (estresse pós-traumático). Em razão do problema da saturação, existem memórias que nos impedem de adquirir outras novas ou adquirir outras antigas, mais importantes (por exemplo, como fugir em uma situação de medo) (IZQUIERDO; BEVILAQUA; CAMMAROTA, 2006, p.1).

Esquecer torna-se por vezes necessário, pois nem todas as nossas lembranças são sinônimas de alegrias. No entanto, os sobreviventes do holocausto optaram por combater o esquecimento. Suas memórias pós-guerra não poderiam ser apagadas das suas mentes ou silenciadas. A disseminação dos resultados das medidas impostas ao

povo judeu pelo governo de Adolf Hitler deveria romper fronteiras, assim como o desenrolar de uma guerra, no sentido de não se deixar cair no esquecimento coletivo, evitando-se futuras tragédias contra a humanidade. De acordo com Verena Alberti, em seu texto *Fontes orais – Histórias dentro da História*, presente na obra *Fontes Históricas*, a memória é indispensável para a compreensão da sociedade como um todo.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2010, p.167).

Indubitavelmente a exposição das memórias daqueles que sofreram com o impacto da política racial da Alemanha nazista, em especial os judeus, nos vem propiciar um entendimento mais abrangente do que representa uma guerra e a defesa de uma ideologia de superioridade de raça, de como os efeitos de ambos modificam radicalmente a postura comportamental das suas vítimas, prevalecendo um intenso ressentimento por parte dos vitimados, marcados por profundas frustrações, ao passo que o indivíduo impossibilitado de se defender, guarda para si sofrimentos que se transformam em traumas, angústias e numa dor irreparável.

A produção de *Maus – A história de um sobrevivente*, muito mais do que exposições de memórias do decorrer da Segunda Guerra Mundial, nos possibilita também um conhecimento acerca das fragilidades humanas, e de como alguns acontecimentos nos afetam de modo a aderirmos a uma nova concepção de mundo. A desconfiança, o egoísmo, a avareza e a melancolia presentes em Vladeck Spiegelman nada mais são do que frutos de sua trajetória em meio a Guerra, herança em específico do holocausto.

O jeito de ser de Vladeck Spiegelman não agrada a seu filho, porém, Art Spiegelman, ao entrar em contato com a experiência de seu pai no período que compreende a guerra, encontra respostas para suas insatisfações pessoais, correspondentes às posturas comportamentais de seu pai, consistindo, de certa forma, em um autoconhecimento, a partir da análise de suas próprias memórias: não deixar restos de comida no prato, desconfiar de todos, evitar a aquisição de objetos aparentemente inúteis, enganar, mentir etc.

Apesar do enorme desejo do autor em transportar a história do seu pai para os quadrinhos como se verifica na obra, também se faz evidente a distância entre os mundos de Art Spiegelman e de Vladeck. Pai e filho não confluem na mesma direção. Há entre eles uma complexa relação de aproximação e distanciamento, gerada em grande parte pelos traumas introduzidos na vida de Vladeck.

O ressentimento pós-guerra encontra-se intrínseco a vida de Vladeck, atuando de modo explícito através de suas atitudes que geram um profundo desagrado no filho. O polonês, assim como outros sobreviventes do holocausto, compartilha perdas materiais e familiares, sofrimentos, maus tratos dos nazistas, fome, medo, e tantas outras coisas que se tornaram presentes, como cicatrizes que terão de carregar por toda a existência. Maria Rita Kehl<sup>15</sup>, em sua obra *Ressentimento* (2004), esclarece que “o ressentimento é uma categoria do senso comum que nomeia a impossibilidade de se esquecer ou superar um agravo”.

Segundo a autora:

A raiva, a cólera, a indignação impedidas de se exercer na direção do objeto, transformam-se em raiva e indignação contra si mesmo; a má consciência, como veremos em Nietzsche, é a contrapartida necessária do ressentimento. A culpa que o ressentido insiste em atribuir a um outro, responsável pelo agravo, é a face manifesta do sentimento inconsciente da culpa que o “envenenamento psíquico” – o retorno das pulsões agressivas sobre o eu – produz. O ressentido é um vingativo que não se reconhece como tal (KEHL, 2004, p.13).

O ressentido se apresenta como uma pessoa tomada por um espírito de impotência mediante o forte sentimento da injúria impulsionado por quem quer que tenha praticado a injustiça para com este indivíduo, que por vez guarda para si a sua raiva, rancor e o seu desejo de vingança. A agressão, seja ela física ou através de palavras, consiste em verdadeiros tormentos psicológicos para com o vitimado, que incapaz de se defender contra aquele que irá promover o chamado *ressentimento* produz um processo inconsciente, o qual Nietzsche chama de *interiorização do homem*.

Todos os instintos que não se descarregam pra fora, voltam-se para dentro – isto é o que eu chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora (NIETZSCHE, 2000, p. 73).

---

<sup>15</sup> Psicanalista, clinicando desde 1981 com adultos, em consultório particular. Doutora em psicanálise pelo Departamento de Psicologia Clínica da PUC de São Paulo. Conferencista, ensaísta e poeta. Participação na imprensa desde 1974, com artigos sobre cultura, comportamento, literatura, cinema, televisão e psicanálise. Autora de ensaios em diversas coletâneas.

Vladeck, vítima de uma ideologia de superioridade de raças, entende como ninguém a dor irreparável de quem é alvo do preconceito em sociedade; no entanto, Vladeck aflora uma fobia no momento em que a sua nora, Françoise, casada com Art Spiegelman, oferece carona para um negro. Ele logo disse *Pé na tábua*, resmungando o tempo todo em polonês por haver um negro entre eles. Quando o homem chega ao seu destino, desce e agradece pela carona, Vladeck verifica se tudo está no lugar, deixando Françoise e Art num estado de perplexidade, dando espaço para que ela questionasse sobre aquela atitude tão racista. Ele então diz que não tem nada a ver a comparação entre negros e judeus, do mesmo modo que os nazistas justificavam suas ações, no momento em que se classificavam como uma etnia superior.



Figura 11: Representação da fobia de Vladeck ao ver um negro se dirigindo ao carro. Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p.258.

No início da obra *Maus – A história de um sobrevivente*, Art Spiegelman retrata uma passagem bastante impactante da sua infância: ele estava patinando com seus amigos, quando, de repente um dos patins se abriu, fazendo-o perder a estabilidade e cair no chão. Seus amigos continuaram a brincadeira, deixando-o para trás. Ao retornar para casa, chorando, ele relata o acontecido para o seu pai, que o indaga: *Amigos? Seus amigos?...Se trancar eles em um quarto sem comida por uma semana... Aí ia ver o que é amigo!*

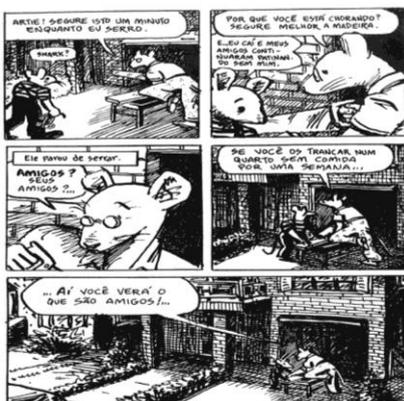


Figura 12: Maus – A história de um sobrevivente, 2009, p.6

A descrença na raça humana encontra-se entrelaçada à intensidade do ressentimento de Vladeck Spiegelman com as atrocidades geradas por um grande número de pessoas que abraçaram o ideal do holocausto. Ele desconfia de tudo e de todos, transparecendo ser mais apegado às coisas do que às próprias pessoas que o cercam, não escapando nem mesmo a sua companheira Mala com quem se casou, um ano e meio após a morte de Anja, a mãe de Art Spiegelman. Mala é acusada o tempo todo de interesseira, de estar “de olho” no seu dinheiro, não passando em nenhum momento pela sua cabeça o amor que Mala tinha por ele.

Em uma de suas visitas a Vladeck, Art Spiegelman encontra Mala aos prantos, caindo em lágrimas devido à avareza de seu marido, confessando a Spiegelman não estar aguentando tal situação, que a fazia pensar, inclusive, em desistir de Vladeck. Mala expõe a sua vida conjugal com Vladeck, a partir de um profundo descontentamento em torno das atitudes de seu marido, relatando que se sente como uma empregada ou mesmo enfermeira de Vladeck. Ela ressalta que ao menos empregada tem salário e folga. Ainda muito chateada, recorda que ao se casar, precisava de roupas, e Vladeck com a finalidade de evitar gastos lhe propôs as roupas da falecida, Anja, já que as duas possuíam o mesmo manequim. Seria, segundo o polonês, um desperdício financeiro comprar roupas, uma vez que disponibilizava das vestimentas deixadas pela primeira esposa. Tal recordação desta passagem de sua vida e do seu dia a dia junto a Vladeck, levam-na a constatar a avareza do marido. Enfurecida, ela o chama de “pão-duro”.

Art Spiegelman diz a Mala que achava que seu pai “era assim por causa da Guerra”. Mala, todavia, evidencia que também passou pelos campos de concentração, assim como todos os seus amigos sobreviventes, e argumenta que nenhum é igual ao marido. Este sentido comparativo de Mala em relação a Vladeck nos permite refletir que um dado acontecimento, apesar de englobar várias pessoas, assume um efeito diferenciado na vida de cada indivíduo.

Por vezes, compartilhamos uma mesma vivência, mas a visão diferenciada do fato está em torno da vivência, ora compartilhada ora individual, não necessariamente apresentando uma mesma ótica acerca desta. Nossa experiência conjunta consistirá em encontros e desencontros de pensamentos, o que marcou e persistirá presente na vida de um indivíduo, nem sempre surtirá o mesmo efeito para outra pessoa, mesmo que ambas tenham compartilhado uma mesma trajetória de vida.

A conciliação entre memória coletiva e individual, de acordo com Michael Pollak, em seu texto *Memória, esquecimento e silêncio*, apoiado no pensamento de Maurice Halbwachs, se faz devido a uma identificação do individual com o coletivo para a reconstrução de uma base em comum.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (POLLAK, 1989, p.4).

As memórias dos sobreviventes do holocausto representam uma revitalização das experiências coletivas dessas pessoas, relacionadas a um ideal de reconstrução deste cenário que compreende o encontro entre a memória coletiva e a memória individual.

Uma vez que montanhas de documentos que provavam o envolvimento dos nazistas com o holocausto foram destruídas pelos próprios nazistas, a exposição das vítimas deste fato histórico interligado à Segunda Guerra Mundial é de grande repercussão para toda humanidade, e foi de suma importância para a construção do conhecimento acerca deste fato histórico.

Michael Pollack ressalta que essa quebra do silêncio entre as vítimas do holocausto decorreu da intensa necessidade em se combater o esquecimento, fazer lembrar o que se esquece com o decorrer dos anos é preservar lembranças que evitarão futuras tragédias humanas, “no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento” (POLLACK, 1989, p.6).

Cada memória individual contribuiu para a formação de uma memória coletiva. Mas foi através de lembranças que as pessoas possuíam que se pôde construir uma base em comum para outras lembranças, as quais os sobreviventes do holocausto foram assumindo como uma identidade própria neste processo da nossa história, que ora os aproximava das pessoas que não vivenciaram a mesma trajetória histórica, e com isso possibilitaram que fossem identificados. O estudo da memória está intimamente relacionado com a História. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento, em sua obra *História e história cultural*:

Ao estudar a memória, não há como não aproximá-la da História, ao pensar as aproximações e distanciamentos entre as duas formas de representação do passado e suas maneiras de relacionar-se com o real (PESAVENTO, 2005, p.96).

A memória, como campo de pesquisa de grande relevância, inserida nos estudos históricos da nossa contemporaneidade, é retratada por Le Goff, em sua obra *História e Memória*, com a finalidade de liberdade do homem, pelo qual em suma nos possibilita refletir sobre as relações entre História e Memória, bem como compreender a real importância deste entrelaçamento para o homem.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 2003, p. 477).

## 2.2 – PROVAS E TESTEMUNHAS OCULARES DA REALIDADE NAZISTA

Diante de um predomínio ou de uma tradição no uso de fontes escritas, o uso de fontes orais na historiografia foi praticamente renegado até meados do século XX, pois “um dos efeitos de se viver em uma cultura dominada pela palavra escrita é devido ao rebaixamento da palavra falada<sup>16</sup>”, entretanto, a partir da década de 1980, os relatos orais ganham maior visibilidade diante do mundo acadêmico, em especial aos olhos dos historiadores, que passaram a enxergar nos relatos orais uma fonte de pesquisa alternativa de grande relevância para construção do conhecimento, afinal, foi a partir desta perspectiva que passamos a compreender o holocausto: através das exposições das memórias dos sobreviventes. Sendo assim, a historiadora Verena Albert, em seu texto *Histórias dentro da História* menciona que

A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso à “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado (ALBERT, 2010, p. 155).

Norman Gary Finkelstein, um judeu-americano, que atua na área da ciência política, com foco de interesse na política do holocausto, publicou no ano 2000 sua obra intitulada *A Indústria do Holocausto: Reflexões sobre a Exploração do sofrimento judeu*, expondo críticas severas às abordagens cada vez mais crescentes acerca do Holocausto, enquadrando tal acontecimento a um espetáculo meramente público, uma vez que a repercussão da política de dizimação dos nazistas voltada para os judeus, embora com efeito tardio, no que condiz ao interesse da população ao holocausto, como

---

<sup>16</sup> BURKE, Peter. A escrita da história – Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p. 170.

o autor deixa nítido em sua obra, estimulou vários intelectuais a se reiterarem dos fatos relacionados ao Holocausto na medida em que se tornou notório que tal acontecimento seria rentável, visto que o forte interesse popular gerado por uma extrema comoção despertara, em especial, nas gerações posteriores. Finkelstein ressalta não se recordar de o holocausto nazista fazer-se presente no decorrer da sua infância, mencionando que

A questão mais importante, no entanto, é esta. Fora este fantasma, não me lembro de o holocausto nazista alguma vez ter feito parte da minha infância. A razão principal era que ninguém além da família parecia se interessar pelo que aconteceu. Meu círculo de amigos de infância lia muito e debatia com paixão os acontecimentos do dia. Mas, honestamente, não me recorde de algum amigo (ou pai de amigo) ter feito uma única pergunta sobre o que meus pais sofreram. Não era um silêncio respeitoso. Era apenas indiferença. Deste ponto de vista, só se pode duvidar da explosão de angústias nas últimas décadas, depois que a indústria do holocausto foi pesadamente estabelecida (FINKELSTEIN, 2006, p.16).

Poucas foram as obras sobre o holocausto difundidas socialmente posteriormente à sua execução social, salienta Finkelstein. A memória que se refere ao holocausto seria, portanto, uma *construção ideológica de interesses investidos*. A perspectiva de Norman Gary Finkelstein é válida no sentido de que tamanha repercussão pode ser desfragmentada refletindo na sociedade o que o holocausto produziu, mesmo se passando num período distante da nossa realidade social; não nos cabendo, portanto, a um questionamento se o investimento pesado na indústria do holocausto aflorou a procura das pessoas para tal conhecimento nem se o interesse da população acerca do fato percorreu de modo tardio.

A obra *Maus – A história de um sobrevivente*, apesar de abordar uma temática tão explorada pelos intelectuais, em especial pelos historiadores, tende a trilhar um caminho inverso do que comumente é retratado no que se refere ao holocausto. O autor desenvolve este projeto a partir da biografia do seu pai, Vladeck Spiegelman; movido mais pelo emocional do que pelo financeiro. Art Spiegelman não fazia ideia da dimensão e do reconhecimento que a sua obra passaria a ter frente aos intelectuais do meio acadêmico.

O fato é que inúmeras são as obras biográficas e autobiográficas em torno do holocausto; afinal, este é fruto de um erro passado, o qual devemos guardar em nossas mentes e se fazer conhecer na história dos presentes e nos pensamentos de outras gerações, com o objetivo de perpassar tal conhecimento a fim de que tamanha catástrofe social empreendida por seres racionais, não venha a se perpetuar e a se inserir

novamente em nossa história. Tomemos como lição esta política racial da Alemanha nazista para que um erro desta dimensão não se repita, e assim cabe a nós assegurar um presente e um futuro melhor, tendo como base nossos aprendizados e a manutenção destes aprendizados para toda humanidade.

De acordo com Eric Hobsbawm, em sua obra *Era dos Extremos*, “os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio”.

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores (HOBSBAWM, 2008, p. 13).

No entanto, *Maus – A história de um sobrevivente* passa a ter uma notoriedade e a despertar uma enorme repercussão com grande reconhecimento no âmbito acadêmico pela ausência de repetição, já que a temática holocausto é bastante divulgada através de inúmeras publicações que se voltam a este fato histórico. O autor ousa, ao retratar uma biografia que poderia ser mais uma dentre tantas outras biografias em torno do holocausto, produzir uma obra quadrinizada, na qual os personagens, inclusive o próprio autor, estão representados em forma de animais, e a qualquer momento podem se passar por outros animais através de máscaras. O autor transpassa este acontecimento triste e pesado da nossa história de maneira encantadora e suave, na medida em que oscila o retratar da trajetória de seu pai no holocausto com o momento presente das suas entrevistas, reproduzindo passagens de seus encontros com Vladeck, em que não necessariamente estão falando da Guerra.

Os relatos orais enquadram-se como fonte primária para o processo de construção do saber a respeito do holocausto. Os sobreviventes dessa catástrofe compreenderam que tamanha barbárie necessitava estar viva na memória coletiva, para tanto apresentaram os seus horrores e os seus sofrimentos vivenciados durante o período da Guerra.

Uma matança frenética entrelaçada ao extermínio dos judeus no decorrer da Segunda Guerra Mundial foi empreendida em defesa de uma ideologia de superioridade de raças, resultando em um saldo de aproximadamente seis milhões de judeus mortos.

Porém, de acordo com Hannah Arendt, em sua obra *Origens do totalitarismo*, a ideologia racial não nasce na Alemanha, não era novidade, e muito menos secreta, embora nunca antes, no decorrer da história, houvesse sido empregada com tamanha meticulosidade.

Afirmou-se várias vezes que a ideologia racial foi uma invenção alemã. Se assim realmente fosse, então o “modo de pensar alemão” teria influenciado uma grande parte do mundo intelectual muito antes que os nazistas se engajassem na malograda tentativa de se conquistar o mundo. Pois se o hitlerismo exerceu tão forte atração internacional intereuropéia durante os anos 30, é porque o racismo, embora promovido a doutrina estatal, só na Alemanha refletia a opinião pública de todos os países. Se a máquina de guerra política dos nazistas já funcionava muito antes de setembro de 1939, quando os tanques alemães iniciaram a sua marcha destruidora invadindo a Polônia, é porque Hitler previa que na guerra política o racismo seria um aliado mais forte na conquista de simpatizantes do que qualquer agente pago ou organização secreta de quintas-colunas. Fortalecidos pela experiência de quase vinte anos, os nazistas sabiam que o melhor meio de propagar a sua idéia estava na sua política racial, da qual, a despeito de muitas outras concessões e promessas quebradas, nunca se haviam afastado pelo amor a conveniência. O racismo não era arma nova nem secreta, embora nunca antes houvesse sido usada com tão meticulosa coerência (ARENDDT, 2007, p. 188).

A ideologia racial da Alemanha de Adolf Hitler nada mais foi que uma arma política disseminada na sociedade com a finalidade de se exercer supremacia perante toda nação. Acredita-se ainda com bastante frequência que o racismo seria um sentimento exagerado de nacionalismo. Hannah Arendt, em sua obra *Origens do totalitarismo*, menciona que

Historicamente falando, os racistas, embora assumissem posições aparentemente ultranacionalistas, foram piores patriotas que os representantes de todas as outras ideologias internacionais; foram os únicos que negaram o princípio sobre o qual se constroem as organizações nacionais de povos – o princípio de igualdade e solidariedade de todos os povos, garantido pela idéia de humanidade (ARENDDT, 2007, p. 191).

Os judeus, principais povos a serem perseguidos pela ideia de superioridade versus inferioridade de raças defendida pela Alemanha de Adolf Hitler, são os verdadeiros agentes deste triste momento da história da humanidade, a partir da exposição de suas memórias - registros indispensáveis para o conhecimento do holocausto, na medida que “durante as últimas semanas da guerra, a burocracia da SS ficou ocupada principalmente com a falsificação e documentos e com a destruição de montanhas de papel que atestavam seus anos de assassinato sistemático<sup>17</sup>”.

---

<sup>17</sup> ARENDDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém; Um relato sobre a banalidade do mal, p.188.

Identificados por sua “natureza criminosas, raízes criminosas, demônio terrestre, astuto e cruel, históricos malfeitores mundiais, depravados, subumanos, pseudo-povo reunido<sup>18</sup>”, relacionado a vermes, doença virulenta e mortal no corpo da Alemanha, os judeus cada vez mais perdiam seu espaço na sociedade, e essa tamanha limitação social se concretizaria com a expulsão definitiva de suas casas para ocuparem os guetos, que consistiam em instrumentos de cerceamento e de controle étnico-racial, um confinamento forçado para milhares de judeus despossuídos de seus bens.

Posteriormente, as famílias que ainda restavam nos guetos eram separadas e enviadas para os campos de concentrações, onde o sofrimento se intensificava em meio à dor irreparável da perda dos entes queridos, da fome, de seus bens apossados pelos nazistas, e a tantos outros tratamentos cruéis ofertados através dos ideais nazistas ao povo judeu.

O fuzilamento inicialmente consistia na principal técnica de aniquilamento dos judeus, e posteriormente a matança em massa. Este meio tornou-se lento, havendo necessidade de uma técnica mais eficaz para se liquidar o imenso contingente de prisioneiros. Por esta razão, foi introduzido o mortal gás cianeto, rápido e infalível, em um espaço reservado – os campos de concentração. Posteriormente, os amontoados de corpos eram conduzidos a fornos crematórios ou mesmo depositados em uma espécie de covas coletivas.

Na obra *Maus – A história de um sobrevivente*, Vladeck Spiegelman, testemunha ocular das atrocidades nazistas ao longo da Segunda Guerra Mundial, foi convocado, assim como outros que dominavam o ofício da funilaria, a desmontar as câmaras de gás. Os alemães não queriam deixar rastros de seus crimes, temendo a possível vitória dos Aliados. Vladeck descreve, através das suas lembranças, esse dia para Art Spiegelman.

- Fui levado para um dos quatro crematórios. Parecia grande padaria [...] A câmara de gás era subterrânea, funileiros tinha de tirar canos e ventiladores. Aquilo era fábrica de fazer – 1, 2, 3 – cinzas e fumaça de tudo o que entrava. Os prisioneiros especiais trabalhavam ali. Ganhavam pão melhor, mas depois também saíam pela chaminé; um me mostrou como tudo funcionava. Pessoas acreditavam que ali tinha chuveiros, era o que diziam. Eles entravam numa sala grande para tirar roupa, o lugar parecia mesmo vestuário. Se eu visse aquele lugar uns meses antes, só tinha visto uma vez. Todos se amontoavam na sala de chuveiro. Fechava a porta, as luzes se apagavam. O gás Zyklon B entrava pelas colunas ocas. Levava três a trinta minutos [...] Dependia da quantidade do gás [...] Mas em pouco tempo ninguém ficava vivo (SPIEGELMAN, 2009, p. 230 / 231).

---

<sup>18</sup> GOLDHAGEN, Daniel Jonah. Os carrascos voluntários de Hitler: O povo alemão e o Holocausto, p. 420.

Selvageria praticada por homens que se autodenominam civilizados, em pleno século XX, imprimindo nos sobreviventes do holocausto lembranças amargas; sendo essas vítimas as únicas prejudicadas pelas loucuras dos criminosos, o que constitui o holocausto como um problema delas, especificamente dos judeus. Ainda na mesma linha de pensamento, já no prefácio de seu trabalho, Bauman (1998) descreve:

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura (BAUMAN, 1998, p. 12).

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os crimes nazistas ganharam uma considerável notoriedade mundial; não que anterior ao desfecho da guerra, a humanidade já não estivesse ciente dos atos de brutalidade dos nazistas causando as mortes exorbitantes dos judeus. Maria Luiza Tucci Carneiro<sup>19</sup>, em seu texto *Crimes e utopias do Terceiro Reich*, diz:

A partir de 1942, a grande imprensa mundial começou a denunciar os atos genocidas dos nazistas usando termos como “extermínio sumário”, “crimes monstruosos”, “assassinatos em massa”, “morte por esgotamento físico” e “morte pela fome nos guetos”. Em fevereiro de 1943, a rádio BBC de Londres informava que os nazistas haviam acelerado o extermínio de judeus na Europa ocupada. O povo judeu estava sendo morto; todos foram avisados e, a maioria das nações aliadas continuava afirmando que “não sabia de nada”. Em 27 de janeiro de 1945, o Exército Vermelho liberou Auschwitz, identificado como a própria imagem da morte. Os 7.650 prisioneiros ainda vivos eram apenas espectros humanos. Só neste campo morreram 1,5 milhão de judeus e 100 mil não judeus (russos, poloneses e ciganos). Em abril de 1945, autoridades inglesas e americanas ordenaram que as atrocidades cometidas pelos nazistas fossem documentadas no local. Diante da “abertura dos campos da morte” pelas tropas aliadas, a humanidade pôde constatar até que ponto pode chegar a crueldade humana (CARNEIRO, 2010, p. 8).

Consciente, parcialmente, da real condição dos judeus e dos crimes dos nazistas, o governo das Forças Aliadas decidiu punir, no período de 1942, os criminosos de guerra do Eixo. No dia 17 de dezembro de 1942, Estados Unidos, Grã Bretanha e União Soviética emitem, em conjunto, uma declaração oficial contendo informações sobre o assassinato em massa de judeus europeus, e informando sua decisão de processar os responsáveis pelos crimes contra populações civis.

---

<sup>19</sup> Historiadora, professora Livre Docente da Universidade de São Paulo, coordenadora do LEER - *Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação/USP*. É autora de diversos livros, dentre os quais, *O Anti-semitismo na Era Vargas* e *O Veneno da Serpente*, ambos pela Perspectiva. Coordenadora do Arquivo Virtual sobre Holocausto.

Com a derrota da Guerra já iminente para os nazistas, Vladeck descreve que ele e outros judeus aptos a viajar, uma vez que muitos se encontravam fracos, seriam trocados como prisioneiros de Guerra na Suíça. Finalmente quando os que ingressaram no trem foram colocados para fora, todos comemoraram o fim da Guerra, mas este fim ainda foi prolongado para Vladeck e os que se encontravam com ele na mesma situação. Eles ainda foram encaminhados pelos nazistas novamente para o trem; depois foram largados numa mata, perto de um grande lago, aumentando a tensão entre os judeus que já temiam o fim, depois de terem chegado tão perto da liberdade. Então, pela manhã, ainda vivo, Vladeck decidiu refugiar-se longe dali com outro amigo chamado Shiveck. Ambos foram encontrados pelos americanos. Sua sobrevivência se configura como um golpe de sorte, aliado a muita inteligência. Isso lhes ajudou a driblar a morte.

O Tribunal Militar Internacional, o mais conhecido por julgar crimes de guerra, foi o destino destes criminosos, acusados de agirem contra a paz mundial, de cometerem crimes de guerra e crimes contra a humanidade<sup>20</sup>, além de terem conspirado para cometê-los. Poucos, de fato, foram condenados. Em sua maioria, os criminosos nunca se fizeram julgados ou muito menos foram punidos. Alguns acusados fugiram ou mesmo voltaram a suas rotinas profissionais, como se nunca tivessem participado desse período degradante da nossa história. Ainda hoje ocorrem perseguições no sentido de punir os criminosos de guerra alemães e de outros países do Eixo.

O julgamento dos mais importantes criminosos de guerra alemães pelo Tribunal Militar Internacional, sediado na cidade de Nuremberg, na Alemanha, trouxe à tona documentos, como fotos, filmes e outros registros que comprovaram os terríveis crimes nazistas, dentre os quais, relacionados à barbárie contra judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Apesar de muitos documentos terem sido destruídos pelos nazistas, foi possível recolher milhares de fontes durante a conquista da Alemanha pelos Aliados em 1945.

Documentos, testemunhas oculares foram de suma importância para a formulação de uma compreensão acerca do holocausto, tendo como exemplos as fotografias e as filmagens registradas por soldados e policiais alemães para fins pessoais. O confinamento de seres humanos em campos de concentrações, o extermínio em massa, as deportações e as mais diversas humilhações empreendidas para com os

---

<sup>20</sup> O Tribunal Militar Internacional definiu crimes contra a humanidade: assassinato, extermínio, escravidão, deportação ou perseguições com bases políticas, raciais ou religiosas.

judeus foram registrados, apresentando-se como provas incontestáveis no julgamento dos criminosos alemães.

No entanto, de grande relevância foram vítimas sobreviventes do holocausto, que, diante da negação ou mesmo da frieza e franqueza dos criminosos a respeito do programa de extermínio nazista, atestaram extrema coragem ao se posicionarem do lado oposto e defenderem os seus direitos; conscientes de que os papéis se inverteriam. Assim, o lado mais fraco, ao contrário do que ocorrera no período da Guerra, seria o dos criminosos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Maus – A história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman, prevalece como chave-mestra para o desencadeamento desta pesquisa, que procurou enfatizar a importância da obra quadrinizada para a obtenção do saber histórico, uma vez que o autor Art Spiegelman, ao retratar os impactos da Segunda Guerra Mundial para os seus familiares de descendência judaica, a partir dos relatos orais de seu pai, Vladeck Spiegelman, sobrevivente do holocausto, inovará, ao produzir sua obra em quadrinhos, desmistificando a posição reservada aos quadrinhos de simples passatempo infanto-juvenil.

A história em quadrinhos, há tempos migrou de uma produção restritamente condicionada a gerar humor em seus leitores, com caráter totalmente fantasioso, daí o pensamento de concebê-la como uma mera leitura a proporcionar o lazer dos indivíduos, sem nenhuma finalidade de levar conhecimentos relevantes, enquanto agentes culturais de amplas possibilidades históricas, para uma produção com elementos que contradizem esta estereotipagem de mera distração infantil.

Percebemos, sim, tomando como exemplo o *corpus* aqui analisado, que dados substanciais, conhecimentos, em especial de caráter histórico, podem ser transmitidos pelos quadrinhos aos seus leitores.

Através da análise da obra *Maus – A história de um sobrevivente*, pode-se entender por que a Segunda Guerra Mundial se configura como um dos acontecimentos mais degradantes de toda a humanidade. A Alemanha de Hitler, além de principal responsável pela eclosão da Guerra, ainda sustentou a sociedade alemã com uma política racial com base na superioridade *versus* inferioridade de povos, ideologia desenvolvida a partir de um sentimento antissemita de proporções catastróficas para o povo judeu. No entanto, este antissemitismo não tem sua origem no líder nazista, Adolf Hitler. Esse antissemitismo simplesmente foi recuperado e ressignificado na medida em que autores antijudaicos e racialistas deixaram de herança inúmeras produções, indispensáveis para a discriminação e perseguição direcionadas aos judeus, as quais se estenderam no decorrer de muitos séculos.

Nossa fonte de pesquisa primária, a obra de Art Spiegelman *Maus – A história de um sobrevivente*, esteve entrelaçada nas perspectivas de outros autores de foco na Segunda Guerra Mundial, conduzindo-nos a uma reflexão de alcance a compreender um

pouco da relação que se faz presente entre o poder e o homem. A obra nos faz compreender como a espécie humana, ao obter de um significativo poder, pode promover uma onda de destruição na busca incessante de maiores poderes, atropelando valores e princípios que correspondem a respeitar as diferenças do outro, para uma manutenção de um mundo melhor. Caminhamos também no sentido de que seja assegurado o estudo a partir de uma memória alternativa, viável, de amplas possibilidades para uma revitalização de um saber histórico passado; de modo que esperamos que o olhar voltado para nossa pesquisa e também para uso das HQs se configure tanto em prol da educação quanto em prol da História.

E assim, reiteramos, portanto, a importância da leitura de histórias em quadrinhos; não apenas como uma mera distração infantil, mas como fonte de pesquisa e de estudo, com grandes possibilidades em termos de apreensão de conhecimentos históricos.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém; **Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo; Anti-semitismo; Imperialismo; Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BORGES, Vavy Pacheco. **Fontes Históricas: Grandezas e misérias da biografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é História**. São Paulo: brasiliense, 1993.

BURKE, Peter. **A escrita da história – Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Variedade em História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Crimes e utopias do Terceiro Reich**. Disponível em <http://www.ensinosobreholocausto.com.br/downloads/jornada2/conteudo1.pdf>, com acesso em 16 de agosto de 2010.

DORFMAN, A. e A. MATTELART. **Para Ler o Pato Donald: Comunicação de Massa e Colonialismo**. Trad. Álvaro de Moya do original em espanhol Para Leer al Pato Donald. 2a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Quadrinhos de não-ficção**. Belo Horizonte: Trabalho apresentado no Núcleo de História em Quadrinhos, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2003.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

FINKELSTEIN, Gary Finkelstein. **A indústria do holocausto: reflexões sobre a exploração dos judeus**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GAIARSA, José. Desde a Pré-História até McLuhan. In: MOYA, A. **Shazam**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

GOLDHAGEN, Daniel Johan. **Os carrascos voluntários de Hitler: O povo alemão e o Holocausto**. Tradução de Luís Sérgio Roizman. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GRAND, Alexander J. de. **Itália Fascista e Alemanha Nazista**: O estilo “Fascista” de governar. São Paulo: Madras, 2005.

HERMES, Gilmar. **Da história da arte para as mídias**. Rio Grande do Sul: revista Fronteiras – estudos midiáticos, VIII(2): 112-122, 2006.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JUNIOR, Francisco Baptista Assumpção. **Psicologia e história em quadrinhos**. São Paulo: Editora Ltda, 2001.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MAGNOLI, Demetrio. **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial**: História e estratégias. São Paulo: Contexto, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral – Uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PATATI, Carlos & BRAGA, Flávio. **Almanaque dos Quadrinhos**: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SILVA, Nadilson Manoel. **Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos**. São Paulo: Editora annablume, 2002.

SPIERGERMAN, Art. **Maus**: a história de um sobrevivente. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.

WIEVIORKA, Anette. **Auschwitz explicando a minha filha**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Via Lettera Editora, 2000.